



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Marcelino Mesquita
Petrônio



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Petrônio

Marcelino Mesquita

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1901.

Capa: caricatura de Amarelhe.

Livro Digital nº 876 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

Marcelino Antônio da Silva Mesquita
(1856 - 1919)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

PETRÔNIO



*Peça livremente extraída do romance “Quo Vadis” de Henrik Sienkiewicz.
Representada pela primeira vez no teatro D. Amélia, na noite de 8 de março
de 1901.*

PETRÔNIO (poeta satírico)
NERO (imperador romano)
PAULO DE TARSO (apóstolo cristão)
MARCOS VINÍCIO (cônsul, sobrinho de Petrônio)
QUÍLON (filósofo charlatão)
TIGELINO (chefe dos pretorianos, rival de Petrônio)
SENÉCION (patrício romano)
VITÉLIO (idem)
LUCANO (poeta)
VATINO (intendente das festas)
DOMÍCIO (idem)
MUSÔNIO (filósofo e poeta)
ÚRSUS (escravo lígio)
PITÁGORAS (efebo, favorito de Nero)
NERVA (patrício de Cumas)
LÚCIO (idem)
SÊNECA (filósofo)
TEIRÉSIAS (liberto de Petrônio)
UM ESCRAVO DE PETRÔNIO
PRIMEIRO RABINO
SEGUNDO RABINO
GULON (liberto de Vinício)
OUTRO ESCRAVO
TIMON (gladiador)
CROTON (idem)
PRIMEIRO SENADOR
SEGUNDO SENADOR
POPEIA (concubina de Nero)
EUNICE (escrava de Petrônio)

ACTEA (ex-amante de Nero)

LÍGIA (donzela cristã)

CÁLVIA (dama romana)

NIGÍDIA (idem)

CRISPINILA (idem)

FLÁVIA (idem)

POMPÔNIA (idem)

LUCRÉCIA (idem)

JÚLIA (dama cumense)

OTÁVIA (idem)

Senadores, palacianos, efebos, pretorianos, escravos, augustanos, povo romano, gladiadores, damas da corte, escravas, etc., etc.

ATO I

QUADRO I

Casa de Petrônio em Roma. A um lado, a estátua de Petrônio, em mármore. Sobre uma mesa, frascos vários de águas, de óleos; escovas, pentes, ferros de frisar. Duas escravas etíopes e duas brancas, o rodeiam. As negras acabaram de o pentear.

ES CRAVA BRANCA

Que manto?

(As escravas negras saem)

PETRÔNIO

O azul.

(A escrava sai e traz...)

EUNICE *(que, de joelhos, compõe a túnica)*

Belo... como um Deus!

PETRÔNIO *(sorrindo, delicado)*

“Animal impudens”, de Sêneca.

O INTRODUTOR

O cônsul Marcos Vinício.

PETRÔNIO

Oh!

MARCOS (*grave*)

Salve, Petrônio!

PETRÔNIO

Salve. Sê bem-vindo em Roma. Que o repouso te seja grato depois da guerra.

MARCOS

Que os deuses te sejam propícios, sobre tudo Asclépias e Cípris.

PETRÔNIO

Que o tal Asclépias me perdoe; não tenho fé nele. Um Deus cuja mãe se ignora! Sabe-se lá se é filho de Arsinoé ou de Corônida? Que fará do pai! Quem, por estes tempos que correm, pode ter a certeza de ser filho... do pai? (*Marcos, ri contrafeito*) Estás preocupado?

MARCOS

...Não.

PETRÔNIO

Dos Asclepiádes já tive de me servir, o ano passado... para a bexiga. Sabia que eram charlatães; mas o mundo repousa sobre o charlatanismo e a vida mesmo não é senão uma ilusão! O que é preciso é saber distinguir as boas ilusões das más. Eu mando aquecer a minha estufa com madeira de cedro, pulverizada com âmbar, porque prefiro os perfumes aos maus cheiros. Quanto a Cípris, a quem me recomendaste, devo-lhe o ter coxeado, amorosamente, dois meses; mas, enfim, é uma boa deusa a quem espero sacrificarás, em breve, as brancas pombas.

MARCOS

Talvez. Se as flechas dos partas me não alcançaram, em compensação, fui tocado pelas do Amor, de uma maneira imprevista.

PETRÔNIO

Sim?

MARCOS

A dois passos das portas de Roma.

PETRÔNIO

Pelas Graças! conta-me isso.

MARCOS

Tanto mais que preciso do teu conselho...

PETRÔNIO

É escusado perguntar se o teu amor é correspondido! (*Olhando-o*) Se Lísias te tem conhecido, ornavas, hoje, a porta do Palatino sob a forma de um Hércules juvenil.

(*Eunice oferece-lhe e põe-lhe o manto*)

MARCOS (*olhando a escrava*)

Por Zeus, que bela escolha! Mais belo corpo não se encontrará nem em casa do Barbas de Bronze, desse famoso Nero, teu amigo.

PETRÔNIO

Tu és meu parente... e eu não sou egoísta; nem tão austero, como um Aulo Pláucio!... Se queres?...

MARCOS

Como te veio à ideia Aulo Pláucio? É dele que te venho falar.

PETRÔNIO

Estarás, tu, por acaso enamorado de Pompônia, sua mulher? Diabo! Velha... Virtuosa... Lamento-te.

MARCOS

Não é de Pompônia. Oh! Não!

PETRÔNIO

De quem?...

MARCOS

Nem sei. Nem sei mesmo o seu nome. Lígia? Calina? Chamam-lhe Lígia porque é do país dos lígios; mas o seu nome bárbaro é Calina. Estive doente em casa desse Pláucio, por um acidente de viagem...

PETRÔNIO

Qual?

MARCOS

Desloquei um pé, numa queda do cavalo... É uma casa estranha: cheia de gente e silenciosa como um bosque sagrado. Durante quinze dias, ignorei que uma deusa a habitasse. Vi-a, uma manhã, a banhar-se num tanque, sob as árvores. E... juro-te pela espuma de onde nasceu Afrodite... os raios da Aurora brincavam através do seu corpo! Julguei-a uma aparição, uma sombra que os raios do sol nascente dissipassem, como um crepúsculo! Desde então, não tive mais tranquilidade; não tive mais descanso; não tive outro desejo; não vejo outra mulher! Tudo me merece desprezo; o ouro, os bronzes de Corinho... Aborreço os vinhos, os festins; só vejo, só quero Lígia! O mundo para mim é ela... e só ela!

PETRÔNIO

É uma escrava de Pláucio? Compra-lha.

MARCOS

Não é uma escrava.

PETRÔNIO

Uma liberta, então?

MARCOS

Se nunca foi escrava, como pode ser liberta?

PETRÔNIO

Quem é, pois?

MARCOS

A filha de um rei.

PETRÔNIO

Hein? Começas a intrigar-me...

MARCOS

É filha de Vânio, rei dos Suevos.

PETRÔNIO

O que teve guerras, no tempo de Cláudio?...

MARCOS

Com os sobrinhos; que levantaram, contra ele os lígios, terríveis na rapina. Cláudio, temendo pelas fronteiras, mandou Híster, legionário do Danúbio, que vigiasse para que a paz não fosse alterada. Híster exigiu aos lígios a promessa de não invadirem a fronteira, e, como refém recebeu a filha e a mulher do chefe.

PETRÔNIO

De onde sabes, tu, isso?

MARCOS

Contou-me Pláucio, ele próprio. Na guerra o rei dos lígios morreu. Híster ficou com a mãe e a filha. A mãe morreu pouco depois, e Híster para se desembaraçar da criança, mandou-a a Pompônio, governador da Germânia e vencedor dos Gates. Quando Pompônio entrou em Roma, em triunfador, a pequena Lígia seguia o seu carro; mas como era um refém e não uma escrava, Pompônio entregou-a a

sua irmã, mulher de Aulo. Nesta casa onde tudo respira virtude, cresceu, tão virtuosa e tão pura, que ao pé dela, Popeia, que passa pela mulher mais bela de Roma, é como um figo do outono, ao pé de um pomo das Hespérides!

PETRÔNIO

E, então?

MARCOS

Repito-te, desde que vi a luz brincar através do seu corpo...

PETRÔNIO

Ela é então transparente como uma lampreia!...

MARCOS

Não graciejes, Petrônio.

PETRÔNIO

Pois bem, diz-me o que queres, claramente.

MARCOS

Quero Lígia! Quero que os meus braços a apertem; que a minha boca respire na sua boca! Se fosse uma escrava daria por ela cem virgens! Quero-a, eis tudo! Tê-la, guardá-la, até que a minha cabeça branqueje como a crista do Sorate, no inverno!

PETRÔNIO

...Se não é uma escrava, é, em todo o caso uma rapariga abandonada. Pláucio pode ceder-ta, se quiser.

MARCOS

Não conheces Pláucio nem Pompônia sua mulher? De resto, amam-na como filha!

PETRÔNIO

Pompônia? conheço: é um cipreste! Tem o ar de quem vive num cemitério. Mas é, diga se, mulher de um homem só; o que faz que

entre as nossas romanas, quatro e cinco vezes divorciadas, seja uma fênix!

MARCOS

Mas... Petrônio...

PETRÔNIO

Que queres que te diga, meu caro Marcos? Conheço muito bem Aulo Pláucio, como ele conhece o meu modo de pensar e o meu modo de viver. Se pensas que poderei obter alguma coisa dele, francamente, parece-me que te enganas.

MARCOS

O teu espírito é inesgotável em expedientes...

PETRÔNIO

Exageras.

MARCOS

Todo o mundo te conhece.

PETRÔNIO

Como o rei da elegância? sim. É o meu reino. Se fosse o da Lígia eu não teria senão prazer em te oferecer a minha filha, belo e amoroso cônsul.

MARCOS

Não falarás a Pláucio?

PETRÔNIO

...Não. É inútil. Mas... falarei a César.

MARCOS

Melhor ainda...

PETRÔNIO

Se Lígia é um refém, César pode dispor dela, pode oferecer-ta.

MARCOS

Falar-lhe-ás, então?

PETRÔNIO

Sim.

MARCOS

Hoje mesmo?

PETRÔNIO

Hoje... talvez. É preciso esperar ocasião de o poder louvar, pelo canto, ou pelos versos, ou pela aptidão de cocheiro, de ator... A propósito, fazes versos?

MARCOS

Nunca pude arranjar um hexâmetro.

PETRÔNIO

Não tocas cítara, nem alaúde?

MARCOS

Não.

PETRÔNIO

Não guias um carro?

MARCOS

Tomei, uma vez, parte em umas corridas em Antioquia; mas fui infeliz.

PETRÔNIO

Bem. Estou descansado a teu respeito. O melhor é não fazer nenhuma dessas coisas e admirá-las, muito, nos outros... sobretudo em César. És belo e Popeia pode agradar-se de ti. É um perigo. Nero não te suportaria. É verdade que Popeia está uma mulher

experiente: de amor os dois primeiros maridos saciaram-na; Nero é para outra coisa.

MARCOS

Que é feito de Óton?

PETRÔNIO

O terceiro? O pobre homem ama-a ainda loucamente. Anda a chorá-la sobre os rochedos da Espanha. E, dizem, que de tal modo perdeu os hábitos da galanteria, que hoje, com o penteado, só gasta três horas por dia!

MARCOS

Eu, no caso dele, fazia outra coisa.

PETRÔNIO

O quê?

MARCOS

São valentes e duros soldados os da Ibéria! Recrutaria umas legiões fiéis...

PETRÔNIO

Marcos, Marcos! Essas coisas fazem-se, mas não se dizem, nem como hipóteses... Eu, no lugar dele, rir-me-ia de Popeia e de Nero: arranjava uma legião, mas não era de homens, era de mulheres!... (*Eunice entra com um frasco*) Ah! a verbena. (*Deita nas mãos e esfrega as fontes*) Não imaginas como isto vivifica, dá força!

MARCOS

Mas... Lígia...

PETRÔNIO

Sim, homem, descansa.

MARCOS

Não posso, Petrônio. Se eu não consigo comer nem dormir! Vou passear um pouco pela cidade, mover-me, andar, distrair-me...

PETRÔNIO (*reparando*)

É verdade, tu não fizeste a barba, hoje!

MARCOS

Nem ontem!

PETRÔNIO (*toma-lhe o pulso*)

Tens febre. Escuta. Eu não sei o que te prescreveria um médico, um desses asclepiades; mas sei o que eu faria no teu lugar. Sim... eu sei o que é o amor, e, que quando se deseja uma mulher, nenhuma outra a pode substituir! A beleza, porém, encanta sempre; e uma bela escrava...

MARCOS

Não, não quero.

PETRÔNIO

A novidade faz esquecer... por um novo desejo... (*Pondo a mão no ombro de Eunice, que lhe oferece, de novo a verbena*) Repara, um pouco, nesta filha de Cós. Há dias, o jovem Fonteio oferecia-me por ela três admiráveis efebos: três maravilhas dignas do pincel de Scopas! (*Olhando-a com interesse*) É curioso; como não dei há mais tempo pelos seus encantos? No entanto, dou-ta, leva-a.

MARCOS (*apertando a cabeça*)

Não, não a quero: não quero ninguém! Obrigado. Vais daqui ao Palatino, ao palácio de César?

PETRÔNIO

Vou.

MARCOS

Bem... Voltarei mais tarde. Vou à outra margem do Tibre...

PETRÔNIO

Não. Vais almoçar comigo. Eunice?

EUNICE

Meu senhor.

PETRÔNIO

Tomarás o teu banho: ungirás o teu corpo, com os melhores perfumes, e irás para casa de Marcos Vinício.

EUNICE (*ajoelhando-se*)

Ó, meu senhor, não! Não me façais sair da vossa casa! Prefiro ser, aqui, a última das vossas escravas! ser açoitada todos os dias, contanto que me não deis a ninguém! Não posso, tende piedade de mim! Não posso! não posso!

PETRÔNIO (*surpreendido*)

Hein?

EUNICE

Repito-vo-lo, senhor. Não irei para casa de Marcos Vinício. Não sairei de vossa casa. Tende piedade! Sede bom, como sois!

PETRÔNIO

Vai chamar Teirésias.

(*Eunice sai*)

MARCOS

Petrônio, eu não a quero. Nem a ela nem a nenhuma. Deixa...

PETRÔNIO (*brandamente*)

Uma escrava!

MARCOS (*vendo entrar Eunice e Teirésias senta-se a ler*)

Perdoa-lhe.

PETRÔNIO (*a Teirésias*)

Leva Eunice, e dá-lhe quinze chibatadas. (*Baixo*) Com jeito para lhe não estragares a pele. (*A Marcos*) O que lês?

MARCOS

O teu livro: o *Satiricon*. Já não fazes versos?

PETRÔNIO

Não. Desde que Nero é poeta e os faz... É perigoso.

MARCOS

Se amasses!

PETRÔNIO

Hoje? Ser-me-ia preciso encontrar... uma Lígia.

MARCOS

Uma deusa! Alcançar-ma-ás, Petrônio?

PETRÔNIO

Será tua. Quanto se pode responder por César, respondo.

MARCOS

Tu és filho de minha irmã e por isto me foste sempre muito caro; mas, agora, colocarei, nos meus lares, uma estátua tua, (*indicando a estátua de Petrônio*) tão bela como esta e oferecer-lhe-ei sacrifícios. (*Vendo a*) Tu és verdadeiramente belo, Petrônio! Se Páris era assim, Helena teve razão na escolha.

PETRÔNIO

Chamam-me o Rei da Elegância, Marcos. (*Eunice entra de semblante alegre*) Recebeste as chibatadas?

EUNICE

Sim, meu senhor, quinze, só!

PETRÔNIO

Só! (*A Marcos*) Não compreendes?

MARCOS

Não.

PETRÔNIO

Compreendo eu. (*A Eunice*) Tu tens um amante, aqui?

EUNICE (*ajoelhando-se-lhe aos pés*)

Sim, senhor! (*Inclina a cabeça*)

PETRÔNIO

Quem é? (*Eunice inclina mais a cabeça, silenciosa*) Quem é? (*Repara na mulher*) Hei de sabê-lo. (*A Marcos*) Vamos almoçar. (*Põe-lhe a mão sobre o ombro, olha com interesse Eunice*) Vamos. (*Saem*)

(Eunice deixa-os sair. Levanta se. Toma por disfarce o frasco da verbena e, fingindo sair, espreita. Não vendo ninguém, volta, toma a cadeira onde se sentou Petrônio; coloca-a ao pé da estátua; sobe, abraça o mármore e, ao mesmo tempo em que os cabelos louros lhe caem pelas costas, cola os lábios aos lábios da estátua)

QUADRO II

Triclínio (casa de jantar no palácio de Nero). No 1º plano três mesas, em ferradura, com os competentes leitos e cadeiras. À esquerda uma balaustrada que se supõe dar para uma escada, inferior, de entrada. As mesas estão prontas: os tocheiros acesos. Grande movimento de escravos, até à chegada dos convivas. Entram Lígia e Actea.

LÍGIA

Dize-me, minha boa Actea, é bem certo que, Nero, César, matou a mulher, a mãe, o irmão?

ACTEA

É certo... e quantos outros!

LÍGIA

E, dizias-me que o amavas?

ACTEA

Conheci-o, moço, belo e generoso! É sempre essa imagem, esse Nero que eu vejo. O outro, o que fizeram os mestres, os áulicos, os amigos, os senadores, o próprio povo, esse não o conheço. Esse pertenceu sempre a outra mulher, cujo domínio se firmou no sangue: esse é de Popeia, a divina!

LÍGIA

Como eu tremo de estar, aqui! Daria tudo por me ver de novo em casa de Pompônia: ou na campina de Roma, só, abandonada que fosse. Se eu pudesse... se tu pudesses, generosa Actea, proporcionar-me a fuga!

ACTEA

Eu te repito, Lígia: era a tua morte e a dos teus. A vontade de César é absoluta! Aprove a César chamar-te, és uma coisa sua, na vida e na morte!

LÍGIA

Uma coisa!?!...

ACTEA

Tenho lido, também, as cartas de Paulo de Tarso, e elas dizem que, lá em cima, há um Deus cujo filho morreu por nós! Mas sobre a Terra não há senão um Deus: é César! A tua doutrina proíbe-te de seres o que eu sou... uma concubina!... e manda-te preferir a morte à desonra — como os estoicos de que me falou tanta vez, Epíteto...

LÍGIA

Sempre!

ACTEA

Quando uma possa evitar a outra. Ignoras os recursos de um César. A filha de Sejano, uma criança de doze anos, foi condenada à morte.

A lei proíbe que as virgens possam sofrer tal pena. O que imaginas que resolveu, Tibério?

LÍGIA

Eu sei!

ACTEA

Mandou-a violar, primeiro, por um escravo e matou-a depois!

LÍGIA

Que horror!

ACTEA

Reflete. Não irrites nunca os tiranos. Os deuses da Terra são sempre sanguinários. És bela, nova, e tão boa!... Sê cautelosa e espera no futuro. Eu te protegerei, aqui, quanto puder.

LÍGIA (*abraçando-a*)

Como tu és boa, Actea!

ACTEA

Sem alegria e sem felicidade, é certo... mas não sou má. "Ele" também o não era.

LÍGIA

Lamentá-lo?

ACTEA

Se te digo que o amo, ainda! O teu Deus não morreu por amor dos que o mataram?

LÍGIA

E, perdoou-lhes.

ACTEA

O amor é o perdão.

(Como subindo a escadaria e voltando a entrar no salão, no 2º plano, começam a entrar os senadores de togas bordadas nas bandas, sandálias ricas, túnicas de cores. Mulheres vestidas e penteadas à Grega ou à romana, as cabeças coroadas de flores, etc.)

LÍGIA

Que de gente sobe.

ACTEA

Os convivas que chegam.

MUSÔNIO *(entrando e passando com Sêneca)*

Salve, Actea!

SÊNECA

Salve, divina Actea!

ACTEA

Salve, Sêneca!

LÍGIA

Quem é este velho, de grave aspeto?

ACTEA

É Sêneca, o filósofo, mestre de Nero. Um filósofo que manda desprezar as riquezas e fez, em quatro anos, uma fortuna de quatrocentos milhões de cestércios!

LÍGIA

E, o companheiro?

ACTEA

É também filósofo; mas bom: um estoico.

LÍGIA

Como se chama?

ACTEA
Musônio.

TIGELINO (*entrando com Cálvia*)
Salve, Actea!

ACTEA
Salve! (*A Lígia*) Tigelino o infame, o corruptor, o valido de Nero. O que fornece as orgias e os venenos!

LÍGIA
E, a mulher?

ACTEA
Cálvia; a mais impudica das cortesãs de Roma. Cinco vezes divorciada.

LUCANO (*entrando com Nigídia*)
Que os deuses te conservem sempre a beleza e o coração.

ACTEA
Salve. (*A Lígia*) Lucano o poeta e Nigídia a amante.

LÍGIA
É tão novo.

ACTEA
E é belo; mas César odeia-o. Os seus versos são melhores do que os dele e César não perdoa. A sua vida não vale uma moeda de ouro.

LÍGIA
E ele sabe-o? e, arrisca-se, aqui?...

ACTEA
É uma criança. (*Entra Crispinila, com Pitágoras*) Crispinila a devassa, cheia de incestos...

LÍGIA

E o mancebo? aquele adolescente?

ACTEA

É Pitágoras, o efebo favorito de Nero.

LÍGIA

Como favorito? Ama-o muito?

ACTEA (*lembrando-se da inocência de Lígia*)

Sim... Ama-o, muito! (*Um grupo de homens e mulheres passa e cumprimenta de longe, sem grande respeito*) Senécion, Vitélio, Domício... Vês como me cumprimentam, de longe? Houve tempo em que teriam vindo comparar-me às deusas e beijar me os pés! São os cortesãos de todos os tempos. (*O grupo sobe*)

LÍGIA

Onde vão?

ACTEA

Dizer a Popeia, a divina, o que em tempo me disseram a mim!

LÍGIA

Como tudo isto faz medo!

ACTEA

E asco! (*Entram, conversando, Petrônio e Marcos Vinício. Petrônio vai para os grupos; Vinício vê Lígia e desce*) Petrônio e Marcos Vinício. Estes conheces decerto.

LÍGIA

Marcos!

MARCOS

À mais pura das virgens da Terra, à mais bela das estrelas do Céu, à divina Lígia, salve!

LÍGIA

Salve, Marcos Vinício.

MARCOS (*tomando o pulso de Actea e beijando-lhe*)

Salve, Actea. Por Vênus, sois ainda a mais bela mulher do palácio de Nero.

ACTEA

Cuidado, Marcos Vinício, que se arremedais vosso tio, no galanteio, não tendes como ele a faculdade de que Nero ouça pelos vossos ouvidos e fale pela vossa boca.

MARCOS

O louvor é tão perigoso em casa de César?

ACTEA

É que dirigido a mim pode parecer epigrama.

MARCOS (*a Lígia*)

Felizes os meus olhos que te comtemplam: os meus ouvidos que escutam a tua voz mais doce do que as cítaras e as flautas!

LÍGIA

Como fiquei bem, ao ver te! Que medo tenho de estar aqui! Sabias que me encontravas?

MARCOS

Sabia e todavia ao ver-te senti na minha alma um estranho e novo prazer!

LÍGIA

Como sabias?

MARCOS

Disse-me Aulo Pláucio.

LÍGIA

Como estará! e os seus! E por que estou eu aqui?

MARCOS

Por mandado de César.

LÍGIA

E para quê?

MARCOS

César não dá conta, a ninguém, dos seus atos.

LÍGIA

Nada disto é natural, Marcos. Conhecia-me, acaso César? Tenho o pressentimento de desgraças! Tu és bom: leva-me para casa dos Pláucios, a casa onde eu vivi tranquila e tão feliz! Faz-me mal este ruído, esta gente toda. Por que me arrancaram do pequeno jardim onde brincava com Aulo? O que me convém a mim é o sossego e a obscuridade. Não nasci para festas e para jantares! e, aqui, no palácio de Nero... tenho medo, leva-me!

MARCOS

Acalma-te! Estou ao pé de ti. Nada pode acontecer-te. Amo-te, não o crês?

LÍGIA

Sim, Marcos.

MARCOS

E, tu me disseste, também, nesse jardim, onde brincavas com o pequeno Aulo. E, eu não ouvi nunca mais outra voz; não vi outro olhar senão o teu; não pensei, não tive outro querer, outra vontade senão a ti.

LÍGIA

O sossego entra na minha alma com as tuas palavras, generoso Marcos!

MARCOS

Tu és a minha felicidade, ó mais bela do que Vênus! A minha felicidade completa, inigualável; porque nem César, nem nenhum Deus, pode sentir maior alegria do que um mortal (*abraça-a, delicadamente*) que sente bater contra o peito um peito querido! Assim, ó Lígia, o amor nos iguala aos deuses!

LÍGIA

A tua palavra é como a luz, que afugenta as trevas e dissipa os terrores. Entrego-me a ti. Restitui-me aos meus. Pompônia, a casta, amar-te-á como se fosse tua mãe: abençoar-nos-á e seremos felizes! Por ela e pelos seus te agradeço o prazer que lhe darás; e, por mim, Marcos, amar-te-ei até ao fim da minha vida.

(Na sala do fundo, onde estão, também, mesas visíveis, rompe a orquestra de cítaras, flautas, harpas e timbales. Os escravos serventes entram dos lados)

MARCOS

Vem César. (*Vai a querer subir*)

LÍGIA

Não me deixes, só!

MARCOS

Não. (*Actea, desce*) Aqui tens Actea... Eu volto já. (*Sobe*)

LÍGIA

Oh! Actea! (*Agarrando-lhe a mão*)

ACTEA

Que tens?

LÍGIA

Foge-me a vista.

ACTEA

Serena-te. (*Beijando-a*) Isso passa!

(*Nero aparece ao fundo. À maneira que passa, a multidão aclama-o. Começam a cair flores do teto até ao fim do ato. Os escravos trazem braseiros e deitam-lhe mirra. Gritam*)

VOZES

Ave, César!

Ave, Júpiter!

Ave, divino César!

Salve, divino!

Olímpico!

Hércules!

Imortal!

NERO (*junto a mesa*)

À mesa! (*Os homens deitam-se nos leitos. As mulheres ocupam leitos e cadeiras. Os escravos enchem as taças de vinho que veem em baldes com gelo: outros servem a comida. A orquestra toca mansamente. Nero, reclinando-se no leito, coroado de rosas*) Petrônio, dir-se-ia que entoei um dos meus hinos!

PETRÔNIO

É a condição dos deuses. A sua presença basta para arrancar as saudações dos homens.

NERO

Estas? Que significam? Os romanos são verdadeiros selvagens. Não me entendem. Lembra-te do meu aparecimento em Nápoles?

PETRÔNIO

Que noite!

NERO

Que noite de glória! Nunca sentirei mais, na minha vida, uma impressão igual! Chorei! Lembra-te, Petrônio?

PETRÔNIO

Como um mortal! E, desmaiaste, até, nos meus braços, exclamando: “Onde há triunfo comparável ao meu?! Eis o que são os Gregos! eis a Grécia!”

NERO

Compreende-me a Grécia. Em Roma, sei-o bem, chegam a censurar-me por cantar em público; como se a arte divina pudesse manchar a purpura dos Césares!

PETRÔNIO

Voltaremos?

NERO

Certamente. Tu sabes que as profecias me dão a soberania do Oriente e do Egito. Fundarei ali um império luminoso de arte, de sol, de poesia, de realidade transformada em sonho, de vida transformada num perpétuo gozo! Quero esquecer Roma e colocar o centro do mundo entre a Grécia, a Ásia e o Egito. Viver a vida, não dos homens, mas dos deuses. Vogar através do Arquipélago, em galeras de ouro, à sombra de velas de purpura, embriagar-me de sol, de poesia! Ser, ao mesmo tempo, Apolo e Osíris! Reinar ... Viver... sonhar!...

PETRÔNIO

Eis o sonho de um César!

NERO

Uma realidade! No Egito levantarei monumentos, ao lado dos quais as pirâmides hão de parecer brinquedos de crianças! Farei construir uma esfinge, sete vezes maior do que a de Mênfis, que olha para o deserto, semelhando-a a mim! E, os séculos futuros não falarão de outra coisa: do monumento e de Nero!

LUCANO

Pelos teus versos tu te erigiste, já, um monumento, não sete, mas setenta vezes maior do que a de Quéops.

NERO

E, pelo meu canto?

PETRÔNIO

Se tu pudesses levantar uma estátua, como a de Menom, que ao nascer do sol o fizesse ouvir, durante séculos, os mares do Egito coalharam-se-iam de navios, onde as multidões, das três partes do mundo, viriam embriagar se, esquecer a vida, ouvindo a tua voz!

(Nero, radiante, bebe e todos o acompanham)

NERO

E... enfim, desposarei a Lua, que é viúva, e serei verdadeiramente um Deus!

PETRÔNIO

E, casar-nos-ás com as estrelas, para formarmos a constelação de Nero! *(A Vitélio, gordíssimo, que está de pé, na mesa do centro, de taça em punho, ébrio)* casarás Vitélio com o Nilo para gerarem hipopótamos.

TIGELINO

E a mim, que destino me dás?

PETRÔNIO

César pode dar-te o deserto e serás rei... dos chacais.

TIGELINO *(à parte)*

Insolente!

(César fala em segredo com Petrônio. De repente põe no olho uma esmeralda e olha Marcos e Lígia. Marcos diz segredos amorosos, todo curvado)

MARCOS *(alto)*

Como eu te amo, Lígia! *(Apertando-lhe o pulso)*

LÍGIA

Deixa-me, Marcos, fazes-me mal.

MARCOS

Oh! divina, ama-me muito! (*Beija-lhe o pulso*) muito!

ACTEA

César está a olhar-vos.

MARCOS

Que me importa?

ACTEA

Tu brincas com a vida, Marcos; não bebas mais.

MARCOS

O Falerno é tão doce e Lígia tão bela! (*Oferece-lhe a taça; Lígia recusa; Marcos bebe*)

NERO (*deixando de olhar, depõe a esmeralda na mesa*)

Petrônio, quem é a dama que se senta ao lado de Marcos Vinício?

PETRÔNIO (*assustado*)

A rapariga... o refém que mandaste buscar a casa dos Pláucios.

NERO

Ah! De que povo é?

PETRÔNIO

Dos lígios.

NERO

Deve ser bela... Vinício enche-a de galanteios.

PETRÔNIO

Cobre um tronco velho de oliveira com um vestido feminino e Vinício achá-lo-á admirável. A mocidade! Muito magra. Uma cabeça

de dormideira num pé esguio. A ti, esteta divino, que prezas na mulher sobretudo a haste, aposto — por muito difícil que seja julgar das proporções de uma mulher sentada — aposto que já lhe viste o defeito?...

NERO (*piscando os olhos para ver*)

Não tem ancas.

PETRÔNIO

Nenhumas. (*Malicioso*)

SENÉCION

Não sei o que questionavas, mas sou da opinião de César.

PETRÔNIO

Fazes bem. Eu estava dizendo a César que tu tinhas uma certa inteligência: César afirmava que eras estúpido como um burro!

(*Gargalhadas*)

NERO (*rindo exageradamente, inclina o polegar para o chão*)

E está dito!

VATINO

Seja como for, eu creio nos sonhos. Sêneca um dia disse-me que também acreditava... como Plínio.

CÁLVIA

Sim? Pois a noite passada sonhei que era Vestal.

NERO (*rindo, batendo as palmas, o que todos imitam*)

Bravo!

CÁLVIA

E, então? São todas velhas e feias, as vossas vestais. Só Rúbria tem forma humana. Assim, ao menos, seríamos duas. Ainda que Rúbria, na primavera, tem a pele cheia de manchas roxas.

SENÉCION

De que são?

CÁLVIA

Ela é que sabe... e os médicos.

LUCANO

É o abrir dos botões. Flores do amor!

PETRÔNIO

Cálvia, onde deixaste a cabeleira loira, das... Vestais?

CÁLVIA

Tu és um impertinente.

PETRÔNIO

Não era o que me chamavas, uma noite, no lago de Agripa.

CÁLVIA

És capaz de dizer que te não resisti, sátiro? Que não estiveste a meus pés?

PETRÔNIO

Para os encher de anéis.

(Cálvia olha instintivamente os pés: todos riem)

VITÉLIO *(cambaleando)*

O meu anel. *(Ri estupidamente)*

NERO

De que diabo ri esta barrica de sebo?

PETRÔNIO

O riso é próprio do homem. Vitélio quer provar-nos que não é um porco.

VITÉLIO

O anel... perdi o meu anel de cavaleiro... O anel que me veio de meu pai...

PETRÔNIO

Que era sapateiro.

(Vitélio, rindo parvamente, procura o anel no colo de Cálvia)

CÁLVIA

Que queres? O atrevido.

NIGÍDIA

Ele não perdeu o que procura.

LUCANO

E... ainda que o ache não será capaz de o usar.

(Os escravos reencham as taças. Ouvem-se vozes. Vinho. Falerno)

LÍGIA

O jantar durará muito, ainda, Marcos?

MARCOS

Inda agora começou. Não estás bem?

LÍGIA

Sim... mas... morre-se com calor... com os perfumes...

ACTEA

Toma o meu leque. Queres um vinho gelado?

LÍGIA

Ó não. Queria sair.

ACTEA

É impossível.

Nero, que tem estado a comer e beber bem e a conversar com Petrônio, levanta-se. A música emudece. Terpros e Diodoro, correm com as cítaras. Nero faz gesto negativo.

SENÉCION

Pela arte e pela humanidade!

NERO

Não estou em voz. Onde está Popeia?

UM ESCRAVO

Doente; não pode vir.

NERO

Chamai-a.

(O escravo sai)

PETRÔNIO

Faze desta festa um festim, divino César: canta!

LUCANO

César, não sejas implacável.

VATINO

Não sejas implacável!

VOZES

Sê magnânimo, César!

NERO

O meu médico proibiu-me de cantar, hoje.

SENÉCION

Poupa a tua divina garganta, César. Que seria de Roma e da Grécia se a tua voz se enublasse!

NERO

Recitarei o meu hino novo. Se, mais tarde, puder, cantarei.

TODOS

Graças, César.

(Entra Popeia, suntuosa e bela)

VOZES

Salve, divina Augusta! Salve, ó deusa! Salve, divina!

NERO

Um momento, bela Popeia. Vou recitar o meu novo hino a Vênus. Preciso de tê-la diante.

LÍGIA

Ó Marcos, é possível! Popeia, a sanguinária, é esta mulher de uma beleza divina?!

MARCOS

Sim, é bela; mas tu és cem vezes mais! Bebe um golo, para que eu ponha os meus lábios no sítio dos teus! *(Oferece-lhe a taça, que Lígia recusa)*

(Faz-se silêncio profundo. Musônio, o poeta, encosta-se a uma cadeira e adormece, enquanto Nero recita. Este vê-o)

NERO *(recitando)*

Embalde pretendi deixar a escravidão,

Que nos impõe o amor!

A deusa luminosa

Que acende, em Chipre, o facho da paixão

Por sobre a humanidade; altiva, desdenhosa

Arrancou-me do peito o coração,

E foi depô-lo aos pés, da mais formosa

Das romanas, Popeia, a minha amada!

Da Vênus Afrodite a incandescente lava
Passou pela minh'alma!
As íntimas ternuras,
Só pode soluçar a minha lira escrava
Do seu divino olhar, das cálidas alvuras
Do seu colo de neve, da boca onde os prazeres
Moram em ninho rubro entre desejos...
Uma lira que chora a pedir beijos!

Vem, amada Popeia, e escuta a deusa:
Sê como ela, de quem tens a forma,
Caritativa e doce!
Abre o teu leito
Aos segredos do amor, ao eterno gozo!
Eu sou um Deus! que troca a divindade,
Do mundo o senhorio, a majestade,
Pelo lugar do esposo!

TODOS
Ó poeta divino! Salve! (*Com palmas e gritos*)
Ó voz divina!
Ó imortal!
Ó Júpiter!
Ó artista divino!
Ó resplandecente!
Salve! Salve! Salve!

POPEIA (*vem beijar majestosamente a mão de Nero*)
Obrigada, César! (*Sai*)

(*Mulheres choram, homens fazem gestos exagerados de espanto: o efebo Pitágoras vem joelhar-se ao pé do leito de Nero e fica. Sentam-se de novo alguns convivas, outros ficam de pé*)

PETRÔNIO (*empunhando a taça*)
A César olímpico!

(Todos bebem)

NERO *(consultando)*

Petrônio?

PETRÔNIO

Os versos são admiráveis. Lucano deve estar amarelo de inveja!
Querê-los-ia piores, para poder fazer-lhes um elogio que os valesse.

LUCANO

Maldito o destino que me fez contemporâneo de César! Ele me eclipsa como a luz do sol a luz de um candeeiro!

NERO *(a Tigelino, mostrando-lhe Musônio adormecido)*

Faze-me dormir Musônio, o estoico, por uma vez.

TIGELINO *(deitando veneno numa taça)*

Lentamente?

NERO

Não.

ACTEA

Musônio adormeceu enquanto Nero recitava!

LÍGIA

É um crime?

MARCOS

De lesa-majestade.

LÍGIA

E vão acordá-lo?

MARCOS

Para dormir outra vez... para sempre!

TIGELINO

Eh! Musônio? eh! filósofo?

MUSÔNIO (*aparvalhado*)

Que é? Que queres? Maldito cão!

TIGELINO

César, chama-te.

(*Musônio, levanta-se*)

NERO

O quê sonhavas?

MUSÔNIO

Que Cérbero me ladrava, raivosamente.

NERO

Tu vês, Vatino, é preciso acreditar nos sonhos.

TIGELINO

Petrônio brindou a César olímpico. Todos beberam; faltas, tu!

(*Musônio, percebe, e hesita em pegar na taça*)

TIGELINO

Vamos: a César olímpico.

(*Musônio, olha César, que o fita com a esmeralda; bebe, vacila e cai morto*)

LÍGIA (*levantando-se*)

Que horror!

(*Dois escravos levam-no*)

ACTEA

Tem coragem. Senta-te.

NERO

Os gladiadores? (*Entram Croton e Timon*) Croton, não te esqueças de que és o mestre da minha escola. E tu, Timon, mostra-nos, se podes, como se substitui um mestre.

(*Os gladiadores lutam. O interesse cresce*)

NERO

Bravo, Croton.

PETRÔNIO

Belo grupo para mármore.

MARCOS

Bravo! Timon.

CÁLVIA

Que belas formas!

PETRÔNIO

Vestal, silêncio!

NERO

Não é uma bela arte?

PETRÔNIO

A mais bela, depois do canto e da música.

NERO

Hei de experimentá-la, também.

PETRÔNIO

Sereis invencível!

(Croton dominou Timon. Agarra-lhe a garganta e vai estrangulá-lo. — À voz de Nero: abraça-o e ergue-o)

NERO

Alto! Bravo, Croton! *(Aplausos)* Exercita-te, Timon. Por momentos tiveste a vitória. Tens qualidades. Vai e não te esqueças de que me deves a vida.

TIMON

Ela é vossa, divino César!

NERO

Dai-lhe de beber. E, a mim; por Baco, que não hei de engolir a seco esta asa de pavão de Samos. *(Deitam-lhe vinho)* Que comes, tu, Cálvia?

CÁLVIA

Una bocado de cabrito de Ambrácia.

NERO

Estás em família! Petrônio, estás triste? A tua vista tem fome de graça e de beleza. Tigelino, mostra-nos a graça assíria.

(Tigelino sobe. Ouve-se o coro báquico. Dançarinas assírias, seminuas, de cabeças ornadas de flores, envoltas num véu ligeiro, braços e tornozelos com braceletes de ouro, entram dançando com o coro. Os convivas comem e bebem, conversando em segredo. Coro e danças esmorecem lentamente. Os escravos dão vinho às bailadeiras. Algumas sentam-se. Todos estão bêbedos, exceto Lígia e Actea. Durante as danças as luzes das salas esmorecem)

SENÉCION *(de pé)*

Eu creio nos deuses. Dizem que Roma há de morrer! Há quem diga que ela morre já! A falta é dos rapazes que não tem fé e sem fé não há virtude.

VATINO

Quem é que diz de Roma vai morrer?

SENÉCION

Os filósofos.

VITÉLIO

Má raça, essa, dos filósofos.

LUCANO (*com Nigídia no colo*)

Não ames nunca um filósofo, Nigídia! Ama os poetas. A filosofia é uma adega cheia de odres... os filósofos. Quanto mais ocos, maiores são. Disse-o não sei se Epíteto.

NIGÍDIA

Nunca disse isso, Epíteto.

LUCANO

Não? Pois podia dizê-lo; porque disse tolices muito maiores. Então, digo-o eu.

SENÉCION

Não, Roma não morre! Teríamos de morrer todos! Nunca mais beber vinho! (*Chora sobre o colo de uma bacante*)

BACANTE

Não chores, imbecil... que te fazes feio. Dorme antes. (*Empurra-o levemente. Ele cai debaixo de uma mesa e fica*)

LUCANO (*enrolando-se na hera de uma ânfora*)

Eh! lá, Bacantes, aqui está um Fauno!

NERO

Pitágoras, vem cá! (*A Petrônio*) conheces alguma coisa mais bela? (*Beija as mãos do efebo*) Hei de casar contigo! Mãos tão belas, nunca vi. Vi... já... quando? (*Lúgubre*) Eram de... minha mãe! (*Pausa e espanto*) Eram de minha mãe... Sim, de Agripina! (*Baixo*) Dizem que pelas noites de luar pelas águas da Baía... Vagueia como que à

procura... Não se sabe de quê! Se encontra uma barca desaparece; mas o pescador que a viu, morre!

VATINO

Nos deuses não acredito... mas nos espectros... sim. Nos espectros!

NERO

E, todavia celebrei, grandiosamente, aos deuses tumulares! Não a quero ver... Cinco anos! cinco anos! Matei a, mas fui forçado a isso! Matava-me ela, se não o faço! Se eu tivesse morrido não me tínheis ouvido, hoje!

TIGELINO

Graças, César, por nós, pela cidade, pelo mundo!

NERO

Não a quero ver! (*Gritando*) Vinho! e que esses timbales rujam!

LUCANO

Eu sou um Fauno! É é é... cho... ó ó ó. Os faunos amam as florestas! Nos jardins de Nero há bosques profundos! Nigídia, levanta-te... acorda... Vamos para o bosque!

NERO

Tem razão Lucano; abrasa-se, aqui! Vamos para os jardins! Agora, sim, agora, vou cantar. Trazei vinhos! Terpnos, Diodoro, as cítaras. (*Obedecem*) Quero dançar também. E archotes... quero luz... muita luz... tudo bem claro, que a não quero ver!

CÁLVIA

Quem?

NERO

A mulher das mãos brancas... como as de Pitágoras! (*Reparando em Actea que acabou de falar com Úrsus o gigante que fica atrás de Marcos e Lígia*) Ó bela e generosa Actea! dá-me o teu braço. Vou cantar, para ti, uma canção à Lua! à casta Lua, serena como tu, velada e meiga!

ACTEA (*aceitando-lhe o braço*)

Senhor, sou a vossa escrava.

NERO

Não; és uma estrela do meu céu! Um cometa que só aparece, de longe em longe!

(*Sobem todos*)

MARCOS (*agarrando brutalmente Lígia*)

Dá-me os teus lábios! Hoje ou amanhã... que importa? Para que esperar? És minha! César roubou-te para mim!

LÍGIA

Marcos...

MARCOS

Para mim! Há quanto te quero! Um dia em casa dos Pláucios, vi-te no banho... Nua! Não o sabias? Como és bela! Saías da água como a Vênus das espumas... Um sonho! Pedi-te a César que te mandou buscar... Amanhã vais para minha casa... Dá-me os teus lábios! (*Força para beijá-la*) Dá-mos, já, agora.

LÍGIA (*recuando aflita*)

Marcos, não te conheço... tem piedade!... Não, nunca!...

MARCOS

Piedade? não; amor! És minha, quero beijar-te... quero a tua boca! Dá-ma! (*Agarrando-lhe brutalmente a cabeça*) Ó dá-ma, por Júpiter! ou...

(*O escravo Úrsus agarra-o pela cinta e atira-o sobre o leito*)

LÍGIA

Es tu? (*Atira-se-lhe ao colo e fica suspensa*)

ÚRSUS

Não tenha medo... sou eu! (*Leva-a a colo*)

MARCOS (*levantando-se tonto*)

Lígia! Lígia! (*Vai a querer segui-la, e cambaleia*) Por Hércules! (*Ampara-se a uma assíria que bebe*) Que é? que foi?

ASSÍRIA (*dando-lhe a taça*)

Um sonho! Bebe!

Marcos bebe e cai sobre o leito.

ÚRSUS

Eis os senhores do mundo! (*Sai levando Lígia*)

(No jardim ouve-se a música. As luzes esmorecem. Um ou outro bêbedo levanta a cabeça aos sons da orquestra e torna a deixá-la cair. As rosas saem sempre. O pano desce, lento)

ATO II

QUADRO III

Casa de Vinício. O tablinum ornado com flores. Perfumadores no chão.

PETRÔNIO

Estavas bêbedo, ontem. Não gostei de te ver. Andaste como um carroceiro dos montes Albanos. Não sejas nunca tão sôfrego. Lembra-te que um bom vinho deve ser bebido lentamente. Por que escravo a mandaste buscar?

MARCOS

Por Altacino.

PETRÔNIO

É de confiança?

MARCOS

Da maior. (*Passeia agitadíssimo*) Que demora!

PETRÔNIO

E, faze por lhe alcançares as boas graças. Põe-na de bom humor, para lhe destruíres o mau efeito das brutalidades de ontem.

MARCOS

Que demora!

PETRÔNIO

Sê generoso, que ela merece-o. É bela! Sê magnânimo!

MARCOS

Deviam, cá estar, há meia hora.

PETRÔNIO

Decerto. Queres tu, para matar o tempo, que te fale das profecias de Apolônio de Tiana, ou das máximas de Aristóteles, meu mestre, o esteta máximo?

MARCOS

Não... Deviam já ter chegado.

PETRÔNIO

Está dito... Deviam já ter chegado.

MARCOS

Malditos escravos. Têm as pernas anquilosadas por falta de exercício. Terei de os fazer correr diante das varas.

PETRÔNIO

Eles não são o amante que espera. Tu não tens paciência, nem serenidade. É preciso ser distinto, sempre! E, depois, não se traz assim uma princesa, uma filha do rei da Lígia.

MARCOS

Tu zombas?... se fosse contigo!

PETRÔNIO

Agradeceria aos deuses o fazer-me prelibar, mais amplamente, uma posse divina.

MARCOS

A demora não é natural... Eu vou ver...

PETRÔNIO

Não percas a tua bela linha estética. Espera; não sejas vulgar. (*Ouve-se ruído*) Tanto mais, que me parece que chegam.

(*O ruído aumenta. À porta aparecem quatro escravos. Dois deles com os rostos ensanguentados*)

MARCOS

Onde está Lígia?

OS ESCRAVOS

Ai, Senhor!; ai, Senhor!

MARCOS

Onde está Lígia? (*Avança furioso*)

OS ESCRAVOS

Vê o sangue, Senhor! Vê o sangue!

UM ESCRAVO

Defendemo-la, até à ultima.

MARCOS

Que é dela?

UM ESCRAVO

Raptaram-na!

MARCOS

Ah! miserável. (*Atira-lhe uma taça à cabeça*) Gulon?

GULON (*aparece*)

Senhor.

MARCOS

Cem varadas a cada um.

OS ESCRAVOS

Senhor, piedade!

MARCOS

Até a morte!

(*Os escravos saem, em grita, adiante de Gulon*)

PETRÔNIO

Está doido! Vamos ter carnificina. Repugnam-me os talhos. Vale. (*Sai*)

MARCOS (*prostrado, senta-se*)

Mas quem poderia roubar-ma? Quem? Pláucio? Ai dele, se o foi! Ai dele!... Pedirei a César a sua morte!... E, se foi César? Pelas fúrias! se foi Nero numa das suas noturnas “pescas de Pérolas,” como ele lhes chama?! E, quem podia ser senão, ele, Nero? Quem ousaria opor-se à sua vontade? Viu-a ontem, apeteceu-lhe... roubou-ma! César diverte-se comigo! Por Écate, por Érebo, por vós ó deuses do lar, (*toma terra num vaso e espalha-a pelo o chão*) juro que quem quer que foi, escravo ou imperador, mendigo ou César, mato o! (*Ao introdutor, que aparece*) O meu manto.

O INTRODUTOR

Actea deseja falar-vos.

MARCOS

Actea? Em boa hora. Venha. (*A Actea, que entra, agarrando-lhes as mãos*) Onde está Lígia?

ACTEA

Vinha perguntar-te.

MARCOS

Não sei; roubaram-ma no caminho. (*Junto do rosto de Actea, com os dentes cerrados*) Actea, se tens amor à vida, se não queres ser causa de desgraças, cujo alcance nem podes conhecer, diz-me a verdade: foi César quem ma roubou?

ACTEA

César não saiu ontem do palácio.

MARCOS

Pela memória de tua mãe, por todos os deuses, Lígia não está no Palatino?

ACTEA

Pela memória de minha mãe, Lígia não está no Palatino, nem foi César quem te roubou.

MARCOS (*caindo na cadeira, com a cabeça nos punhos*)

Então foram os Plácios! Ai deles!

ACTEA

Aulo Plácio procurou-me, hoje, a saber de Lígia.

MARCOS

Hipocrisia! Se não soubesse dela ter-me-ia procurado a mim.

ACTEA

Também procurou.

MARCOS

A mim?

ACTEA
De manhã.

MARCOS
Não o vi, nem me falou.

ACTEA
Os teus servos contaram-lhe o acontecido. (*Pausa*) Não, Marcos, o que aconteceu, aconteceu por vontade de Lígia.

MARCOS
Tu sabias que ela queria fugir?

ACTEA
Sabia que ela não consentiria em ser tua concubina!

MARCOS
E... tu? que tens sido toda a tua vida?

ACTEA
Eu?... És pouco generoso! Eu era uma escrava!

MARCOS
Seja como for. César deu-ma! Descobri-la-ei nem que seja debaixo da terra. Farei dela o que eu quiser! A minha concubina... por que não? A minha concubina! Nem que seja preciso chicoteá-la, de dia e de noite! Dá-la-ei, ao último dos meus escravos! Mandá-la-ei atrelar a um moinho da costa da África. Procurá-la-ei, eu. Procurá-la-á César, inda que seja preciso empregar todas as legiões.

ACTEA
Tu deliras!... Tem cautela em não meter César, na busca, porque te arriskas a perdê-la para sempre, no dia em que ele a achar.

MARCOS

Como?

ACTEA

Ouve, Marcos. Ontem, antes de jantar levei Lígia, para a distrair, a passear nos jardins. Encontramos Popeia e a pequena Augusta, sua filha e filha querida de Nero, nos braços da ama negra. À tarde a criança caiu doente e Lilith, a ama, diz que foi a estrangeira que a enfeitiçou! Se a criança melhora, tudo esquecerá: se piora Popeia será a primeira a acusar Lígia de feitiçaria e, encontrada, não terá salvação!

MARCOS

Talvez que ela enfeitiçasse a criança... e a mim também!

ACTEA

A negra diz que a pequenita se pôs a chorar logo que passou por nós. É certo, ouvi. Mera coincidência. Procura-a; mas antes das melhoras da criança não fales de Lígia. Seus olhos choraram, bastante, demais... por ti!

MARCOS

Por mim? Disse-te ela?

ACTEA

Eu o vi. As suas lágrimas eram sinceras e a sua dor sentida. Como velei por ela no palácio de César, quis valer-lhe, se pudesse, ainda, junto de ti.

MARCOS

Como?

ACTEA

Invocando a tua generosidade para ela.

MARCOS

Zombas de mim: se não sei onde para...

ACTEA

Ainda o podes saber: deixa-a em paz.

MARCOS

Não posso.

ACTEA

Desposa-a.

MARCOS

Nunca!

ACTEA

Não é uma escrava, é um refém de guerra: os reféns são sagrados.

MARCOS

Concorreste, já vejo, para o rapto?

ACTEA

Talvez.

MARCOS

Contra, César.

ACTEA

Não; contra ti.

MARCOS

E, dás-lhe razão?

ACTEA

Defendo-a.

MARCOS

Tu ama-la?

ACTEA

Quanto ela merece.

MARCOS

Porque te não paga, como a mim, o amor com o desprezo.

ACTEA

Homem cego, ela amava-te.

MARCOS

A mim? Que amor é esse que prefere a vida errante, a indignância do dia seguinte e talvez uma morte miserável, a uma vida de riquezas e de alegria? Que amor é esse, que tem medo do prazer e sede dos sofrimentos? É que ela me odeia, do coração!

ACTEA

Como imaginaste cativá-la? Em vez de te inclinares diante dos seus pais adoptivos, os Pláucios, e de lha pedires para esposa, por surpresa, roubaste lha. Era a filha de um rei, quiseste fazer dela a tua concubina! Feriste-lhe os olhos inocentes com o espetáculo da orgia, sem compreenderes que aquela criança cândida preferiria a morte à desonra! Sabes tu quais são as suas crenças? sabes que Deus adora? e se esse Deus não é melhor do que essa Vênus impudica e essa Ísis que os romanos veneram, no seu impudor? Que te importou tudo isto? A pobre criança, quando falava de ti, corava: amava-te! Como lhe pagaste a aspiração pura do primeiro amor? Enchendo-a de espanto, tratando-a como a uma escrava, insultando-a!

MARCOS

Eu não a insultei!

ACTEA (*irônica*)

Generoso senhor... Vilmente! Venceste os partas, tu? Que é agora um coração de mulher para um famoso guerreiro? Enganaste-te: é mais fácil vencer os bárbaros. Amava-te; é possível que te despreze, agora!

MARCOS

Que me importa? Amo-a eu; quero-a, hei de tê-la.

ACTEA

Se ela te não amar, essa satisfação deve ser bem mesquinha. O amor de dois é um mistério divino: o de um só: uma torpeza! Nobre cônsul, adeus!

PETRÔNIO (*entrando: a Actea que vai a sair*)

Salve, divina Actea.

ACTEA

Salve, galante Petrônio.

PETRÔNIO

Dou-vos graças pela bondade com que tratastes Lígia.

ACTEA

Fiz o meu dever. Ela tem a candura de uma virgem e a graça das pombas...

PETRÔNIO

Que voam.

ACTEA

Ofício de quem tem asas. Adeus. (*Sai*)

PETRÔNIO

Sabes alguma coisa de Lígia? Actea a que veio?

MARCOS

Saber dela... Não saiu da cidade. Os meus escravos vigiam as portas. Ela ou o tal gigante, hão de aparecer.

PETRÔNIO

Tens sorte em que não seja César o raptador. Trago-te uma boa nova.

MARCOS

Qual?

PETRÔNIO

Eunice, a minha escrava, — desde ontem que reparo que é verdadeiramente bela! — conhece um homem capaz de a descobrir.

MARCOS

Quem é?

PETRÔNIO

Um tal Quílon, médico, sábio, feiticeiro, ou o que é, que lê o destino e prediz o futuro. Mandeí-o chamar e trago-te. Queres falar-lhe?

MARCOS

Que venha.

Petrônio faz sinal para dentro. Quílon entra. É um corcovado, túnica no fio, esburacada, barba e cabeleira intonsas. Sandálias velhas, etc.

QUÍLON

Salve, senhores nobilíssimos!

MARCOS

Aproxima-te. Sabes bem do que queres encarregar-te?

QUÍLON

Pelo o que em toda a Roma se fala, não é difícil de adivinhar. Roubaram aos teus escravos, nobre senhor, Lígia, ou Calina, filha adoptiva dos Pláucios. Encarrego me de t'a descobrir, na cidade ou fora, onde estiver.

MARCOS

Que meios tens para isso?

QUÍLON

Os meios tens, tu, senhor. Eu só possuo o gênio.

PETRÔNIO

É homem para a descobrir.

MARCOS

Previno-te de que se me enganas para me apanhares dinheiro, mando-te desfazer com varadas.

QUÍLON

Eu sou um pobre filósofo, senhor, e um filósofo não pode deixar de pensar na recompensa, sobretudo quando ela pode ser da espécie que acabais de me fazer entrever, tão magnanimamente!

PETRÔNIO

Então és filósofo?; mas Eunice disse-me que eras médico ou adivinho. De onde a conheces?

QUÍLON

Veio consultar-me. A minha fama chegou até ela.

PETRÔNIO

Sobre quê?

QUÍLON

Matéria de amor. Queria curar-se de um amor, não partilhado.

PETRÔNIO

E, curaste-a?

QUÍLON

Fiz mais. Dei-lhe um amuleto que faz nascer o amor recíproco: um fio do cinto da Vênus de Chipre.

PETRÔNIO

De que escola és tu, divino sábio?

QUÍLON

Senhor, pelo meu manto em escumadeira, sou um cínico: um estoico, pela paciência com que sofro a minha miséria: e, porque,

como não tenho liteira, tenho de andar a pé, de taberna em taberna, a dar lições aos que me pagam o vinho, sou um peripatético.

PETRÔNIO

Gostas de vinho?

QUÍLON

Heráclito disse que o vinho era fogo e que o fogo era uma divindade!

PETRÔNIO

Diante da qual o teu nariz se ilumina.

MARCOS

Já te tens empregado em cargos semelhantes?

QUÍLON

Hoje, senhor, a virtude e a sabedoria têm tão pouco valor, que um pobre filósofo se vê forçado a lançar mão de todos os meios de existência!

MARCOS

Quais são os teus?

QUÍLON

Saber tudo o que se passa e oferecer os meus serviços a quem precisa deles.

PETRÔNIO

E pagas-te?

QUÍLON

Conforme os meus méritos. Que remédio!

MARCOS

Não devem ser grandes porque te não deram ainda para um manto.

QUÍLON

Sou modesto, senhor. O que é pequeno não é o meu mérito é a gratidão dos homens. Quando se esconde um escravo de preço quem o descobre? Quem indica os culpados dos pasquins em louvor de Popeia, a divina? Quem descobre nas livrarias os versos contra César? Quem leva as cartas que se não podem confiar aos escravos? Quem faz falar os barbeiros, os alfaiates, os taberneiros e capta a confiança dos escravos a saber tudo o que se passa numa casa, do átrio ao jardim? Quem conhece todas as ruas, praças, becos, alfurjas, da cidade? Quem sabe o que se diz, nas hermas, no circo...

PETRÔNIO

Basta, por todos os deuses, ilustre sábio, já sabemos quem és.

QUÍLON

E quanto valho.

MARCOS

Bem. Tens necessidade de indicações?

QUÍLON

Eu? Tenho necessidade de armas.

MARCOS

Quais?

QUÍLON (*fazendo o gesto de dinheiro*)

Os tempos vão tão maus, para os filósofos...

MARCOS (*atirando-lhe a bolsa*)

Aí tens.

QUÍLON (*apanhando-a*)

Começamos a entender-nos. Nobre senhor, ouvide: Lígia não foi roubada por Aulo, nem está no Palatino. O rapto foi feito por Úrsus, o gigante seu escravo, e pelos cristãos.

PETRÔNIO

Ouve, Marcos.

QUÍLON

Lígia adora a mesma divindade que Pompônia, a mais virtuosa das romanas; é Cristã...

MARCOS

Como o sabes?

QUÍLON (*com ênfase*)

Sou cristão!

PETRÔNIO

Tu?

QUÍLON

Desde ontem, senhor, desde ontem.

MARCOS

Reflete Quílon. Tu não és um imbecil. Quererás persuadir-nos de que Pompônia e Lígia pertencem à seita dos inimigos do gênero humano, dos envenenadores, das gentes perdidas nos últimos vícios?

QUÍLON

É cristã, senhor, tende a certeza absoluta.

PETRÔNIO

O que quer dizer que Pompônia e Lígia envenenam as fontes, imolam as crianças encontradas nas ruas e se entregam ao deboche? Tu que viveste em casa de Aulo vêes como isto é uma calúnia ou uma tolice! Ou então os cristãos não são o que se diz.

MARCOS

Seja como for. Foi então esse Úrsus quem a roubou?

QUÍLON

Com os cristãos.

MARCOS

E, encontrá-la-ás? Saberás onde está?

QUÍLON

Esta noite, ainda, trarei notícias.

MARCOS

Duplicarei a oferta se a achares. Gulon? (*Para dentro*)

GULON

Meu senhor.

MARCOS

Dá um manto capaz a esse... filósofo.

QUÍLON

Nobre cônsul, sois duplamente generoso: cobris de uma vez, com a mesma capa: a ciência e a Virtude! Nobre Petrônio, vale. (*Sai*)

PETRÔNIO

Adeus... colega. Não me desagrada o tal filósofo. Descobre Lígia, verás. Mas parece-me bom mandares desinfetar o átrio... A respeito de perfumes a filosofia está muito atrasada... só conhece... os naturais. Fica-te com os deuses... Sabes que amanhã é a festa do Lago?

MARCOS

Sei.

PETRÔNIO

Dizem que Vatino inventou maravilhas. Não podes faltar. César poderia notar a tua falta. E... boas novas, até lá.

MARCOS

Gulon?

GULON

Meu Senhor. O jantar?

MARCOS

O meu manto e o estilete. (*Passeia agitado*)

GULON

Ei-los. (*Veste-lhe o manto*) Ides só?

MARCOS (*metendo o estilete no cinto*)

Só. (*Sai*)

QUADRO IV

Salão no palácio de Nero. Ao fundo um terraço de onde se vê Roma. Mesas, cadeiras. Anoitece, gradualmente, durante o ato.

PETRÔNIO (*a Marcos que vai a passar ao fundo*)

Dou graças aos deuses, nobre cônsul, por te saber ainda vivo.

MARCOS

Ah! Petrônio.

PETRÔNIO

Nem me vias. De onde te desenterraste? Em tua casa, em parte alguma se sabia onde estavas. Alguma deusa te raptou para a sua morada?

MARCOS

Talvez.

PETRÔNIO

Mas tu estás mal, meu sobrinho, muito mal. É evidente que Vênus te perturbou o espírito e te faz perder a razão! Por Polux, se a chama que te consome te não reduz a cinzas, tu metamorfoseias-te naquela

esfinge do Egito, que dizem que perdida de amor pela Lua, se tornou indiferente ao dia, de modo a só esperar a noite, para poder com os olhos de pedra, namorar a amante!

MARCOS

Oxalá me transformasse em esfinge!

PETRÔNIO

...Se não sou eu, na última vez que nos vimos, na festa do lago, ou tinhas de transformar-te em esfinge... ou eras um homem perdido.

MARCOS

Como assim?

PETRÔNIO

Quem era a mulher que, no bosque de Diana, te queria levar para entre as sombras?

MARCOS

A mulher mascarada?

PETRÔNIO

Sim.

MARCOS

Não soube, nem quis.

PETRÔNIO

Era Popeia.

MARCOS

Hein?

PETRÔNIO

Chamei-te a tempo. Ela fugiu. Se nesse momento lhe negas o amor, que era feito de ti?

MARCOS

Tê-lo-ia recusado.

PETRÔNIO

Evitei essa asneira a tempo; mas a hesitação que mostraste, valeu-te o seu ódio. As mulheres não perdoam, nunca, essas coisas... e então Popeia!... Acautela-te.

MARCOS

Desprezo-a.

PETRÔNIO

A pequena Augusta morreu...

MARCOS

Que me importa?

PETRÔNIO

A morte atribui-se aos feitiços de Lígia.

MARCOS

Imbecis!

PETRÔNIO

E, a propósito... Lígia?

MARCOS

Tu não calculas, Petrônio, o que me tem acontecido.

PETRÔNIO

Mas diz. Tens-me causado sustos. Sabes que te quero...

MARCOS

Nessa noite... a do Lago, quando cheguei a casa esperava-me Quílon.

PETRÔNIO

O filósofo?

MARCOS

O tal. Sabia de Lígia, vinha propor-me o raptá-la. Concordei. Fomos, eu, ele e Croton, o gladiador, embuçados, ao Ostrianum, o velho cemitério, à saída da porta Capuana. Ali se reúnem escondidamente os Cristãos e lá ouvi Paulo, o apóstolo, pela primeira vez. Lígia estava junto dele, envolta num manto escuro, embebida, a ouvi-lo, numa alucinação de todo o seu ser, arrebatada, divina! Se tivesses visto a sua figura de uma beleza ideal...

PETRÔNIO

Adiante.

MARCOS

Todo o meu amor renasceu com a fúria de um touro das Espanhas. Jurei tê-la. Ali, era perigoso: os cristãos eram alguns centos. Seguimo-la até a casa, à saída. Uma velha casa, no bairro do Transtiberino. Entrou num pátio com o velho apóstolo e esse Úrsus, o escravo gigante, que a não larga, nunca. Escondemo-nos num corredor à espera de ocasião propícia, eu e Croton, porque o filósofo não sendo capaz de entrar... ficou de vigia, na rua. Úrsus veio buscar água à cisterna do pátio. Era ocasião: virei-me para Croton e disse-lhe: mata. O gladiador atirou-se ao escravo como um tigre; eu corri pelo corredor, empurrei a porta entreaberta, agarrei Lígia ao colo e corri para fora. Desmaiara.

PETRÔNIO

Belo grupo dariam para um rapto.

MARCOS

Ao chegar ao pátio eis o que eu vi. Úrsus dominava Croton vergado sobre um joelho, apertando-lhe, com uma das mãos, o pescoço. O gladiador tinha um estertor na garganta, os olhos saiam-lhe das órbitas! Ao ver-me, Úrsus, aplicou sobre o peito de Croton um murro tal que este rolou pelo chão, de boca aberta, jorrando sangue. Estava morto!

PETRÔNIO

Por Hércules, que esse homem merece uma estátua.

MARCOS

De chofre, voltou-se para mim, agarrou-me este braço e partiu-me.

PETRÔNIO

Depois?

MARCOS

Não me lembra senão de uma voz, feita de todos os sons das cítaras, dizer: Úrsus, não mates! Quando acordei estava numa cama e vigiava-me uma pobre viúva, um filho e... ela!

PETRÔNIO

E foi ela quem te tratou?

MARCOS

Tratou-me um médico; mas salvou-me, ela! Que cuidados, que dedicação, dias e noites! Contando mesmo as horas dolorosas da doença, passei, ali, os melhores dias da minha vida. O apóstolo, contava toda a vida e morte de Cristo, seus milagres e doutrina. Vi os mais belos exemplos de caridade, de amor e de perdão! Se tu o ouvisses!

PETRÔNIO

Não me faltava mais nada! O que faz o amor! Começavas a achar essa religião adorável, porque era a de Lígia.

MARCOS

Talvez.

PETRÔNIO

É assim. O amor transforma as pessoas completamente, opiniões e gostos. Como a mim me está acontecendo. Dantes só gostava do

perfume da verbena; lembraste? Hoje, como a bela Eunice prefere o das violetas, é deste que eu gosto mais.

MARCOS

Eunice?

PETRÔNIO

Sim, Eunice. Ah! tu não sabias ainda... Tenho que te agradecer aquela recusa... É uma maravilha de estética, a loira Eunice! Uma obra de Praxiteles!...

MARCOS

E a tua Crisotêmis?

PETRÔNIO

Mandei-lhe umas sandálias bordadas a pérolas... É como quem diz: vai passear. É o meu processo; elas já sabem. Crisotêmis, francamente, era contemporânea da guerra de Troia. E, afinal, melhoraste, saíste... e o que é feito da tua Lígia?

MARCOS

Fugiu-me.

PETRÔNIO

Outra vez?

MARCOS

No dia em que me levantei, ela saiu.

PETRÔNIO

Tinha medo de ti?

MARCOS

Tinha medo de si, própria.

PETRÔNIO

É extraordinário!

MARCOS

Dizes bem. Ela não é como as outras mulheres!

PETRÔNIO

Ah! não? Então não perdes nada com a abstinência.

MARCOS

Não podemos entender-nos.

PETRÔNIO

Decerto, não. Que o Hades confunda esses cristãos que te fazem perder o senso comum.

MARCOS

Tu não conheces a sua doutrina.

PETRÔNIO

Enganas-te, conheço. Já li as tais cartas de Paulo de Tarso. Baboseiras. É uma doutrina anti-humana: porque a felicidade só vem da beleza, do amor, e da força! A isto, chama ele, vaidades! E que teorias! Retribuir o mal com o bem... Que justiça! O que devemos ao bem? Se a sanção é a mesma para o bem e para o mal, por que seriam os homens bons?

MARCOS

Segundo eles a sanção começa na vida futura, eterna.

PETRÔNIO

Isso são coisas a verificar... depois da morte.

MARCOS

A vida para eles começa com a morte.

PETRÔNIO

É natural. É como se se dissesse: o dia começa com a noite! Vais raptar Lígia outra vez?

MARCOS

Não. Prometi-o.

PETRÔNIO

Tens tenção de adoptar a doutrina cristã?

MARCOS

Querê-lo-ia; mas toda a minha natureza se opõe.

PETRÔNIO

Enfim, és capaz de esquecer Lígia?

MARCOS

Nunca!

PETRÔNIO

Então vai... Viajar. (*Entram escravos com ânforas e taças que colocam nas mesas do 1º salão e nas da varanda*) Vem César. O que vieste fazer?

MARCOS

César mandou-me convidar para a leitura da Troiada.

PETRÔNIO

Também? E... se ele te perguntar por Lígia?

MARCOS

Não sei...

PETRÔNIO

Dize-lhe... que a tens guardada... que esta ausência... foi a lua de mel.

Entra César, Popeia, Tigelino, Vitélio, Senécion, Vatino etc. escravos. Popeia sobe para o terraço, com outras damas, onde bebem. Os efebos galanteiam, etc.

NERO (*aborrecidíssimo*)

Salve, Petrônio. Inda bem que chegaste. Creio que vou morrer de tédio, de aborrecimento! A minha viagem à Grécia, adiada!

PETRÔNIO

Por quê?

NERO

Vesta, a própria deusa, me avisou, no templo. Venho agora de lá. Tão ao ouvido me disse: adia a viagem, que me assustou.

TIGELINO

Ficamos todos aterrados. A vestal Rúbria desmaiou.

NERO

Que linda garganta que tem Rúbria! Que branca! (*Bebe*) Eu preciso distrair-me. Vínheis ouvir o poema! Não posso ler! Nem cantar! Nem tenho paciência. Não posso ficar em Roma, irei para Ancio. Abafo, nestes bairros apertados, no meio de casas que se desmoronam, de ruelas imundas. Um ar empestado chega até aos jardins, chega até aqui! Por que não houve, nunca, um tremor de terra que destruísse Roma? Se um Deus, na sua cólera, a nivelasse com a terra, eu ensinaria como se edificava uma cidade para capital do mundo!

TIGELINO

Não dizes, tu, César: se um Deus destruísse a cidade?

NERO

Sim e então?

TIGELINO

Não és, tu, um Deus?

SENÉCION

Podes fazê-lo.

VATINO

Fá-lo.

NERO

...Não lerei o meu poema! O meu incêndio de Troia flameja timidamente! Julgava que igualaria Homero e tinha ficado contente.

PETRÔNIO

Não o igualaste?

NERO

Não!... Um escultor quando por esculpir a estátua de um Deus, escolhe um modelo. Nunca vi arder uma cidade, não o posso pintar.

PETRÔNIO

Mas tens gênio para tanto se o quiseres fazer, César. Aposto que os teus versos...

NERO

Não, não. Responde-me a uma questão, Petrônio. Tens pena que tenha ardido Troia?

PETRÔNIO

Pena de quê? Por Marte, pelo contrário. Tróia não teria ardido sem o fogo dado por Prometeu aos homens e sem os gregos terem declarado a guerra a Príamo. Daí veio que Esquilo escreveu o seu Prometeu e Homero a Ilíada. Quero mais a estes dois poemas do que à tal Troia, provavelmente uma vilória de casas de madeira, velhas e sujas!

NERO

Eis o que é falar com tino. À poesia e à arte tem-se obrigação de sacrificar, tudo. Felizes os Gregos que deram a Homero o assunto do seu poema! Feliz Príamo que viu as ruínas da sua pátria!... Eu nunca vi uma cidade em chamas!

(Silêncio geral de receio)

VITÉLIO *(avinhado)*

Nem eu!; mas se fosse César e a quisesse ver, via-a!

TIGELINO

Era fácil.

PITÁGORAS

Popeia e as damas, César, pedem-te para vires cantar.

PETRÔNIO

Aproxima-se a noite, o sol agoniza, a tarde é bela, o ar cheio de perfumes dos jardins. À natureza só falta um cântico...

MARCOS

O teu, César!

NERO

É cedo ainda. (*Olha para Tigelino, misteriosamente*) É cedo, ainda.

VITÉLIO

Eu adoro a música.

PETRÔNIO

Das taças.

NERO

Dize-me, Petrônio, que pensas tu da música?

PETRÔNIO

A tua, sobretudo, quando a ouço, faz-me sentir um mundo de prazeres novos. A música é um mar, onde à onda sucede a onda, à água, água sem fim, até... ao infinito!... e é sempre impossível ver a outra margem.

NERO

É assim que eu penso da música. Quando canto e toco, eu, César, senhor do Mundo, descubro reinos desconhecidos, mares virgens, mundos nunca sonhados! Vejo os deuses! subo ao Olimpo! Um

sopro estranho passa, a esfera vibra em roda de mim e dir-te-ei (*leva Petrônio, pelo braço, para o lado*) que eu, César e Deus (*muito baixo*) me sinto tão pequeno como um grão de areia!

PETRÔNIO

Só os grandes artistas se sentem pequenos diante da beleza!

NERO

Morro de aborrecimento, aqui! Ouve: imaginas que sou cego ou idiota? Pensas que não sei que por essa Roma pregam, todos os dias, inscrições injuriosas, pelas esquinas? que me chamam matricida, assassino de meu irmão, e de minha mulher? Que me chamam algoz, por que tenho morto a meus inimigos?... Um homem bom pode ser cruel?

PETRÔNIO

Pode.

NERO

Eis o meu caso. Quando a música acalenta a minha alma, eu sinto-me tão bom como uma criança no berço.

PETRÔNIO

Os romanos nunca vos souberam apreciar.

NERO

Os romanos! Como eu odeio os romanos! (*Vai à mesa beber. Anoitece mais*) Tigelino?

VITÉLIO

Saiu. Disse que ia mandar acender as lâmpadas.

NERO

Ah! sim... Escurece.

PITÁGORAS

César, o cântico? (*Ao fundo*)

CEZAR

Ainda é cedo... (*Desce a Petrônio*) Sou em tudo um artista. A música abre-me as portas de uma perspectiva indizível; devo aos deuses o explorar esse infinito! Para ascender às regiões olímpicas não será preciso, primeiro, praticar algum prodigioso ato propiciatório?

PETRÔNIO

Não te entendo, César.

NERO (*baixo*)

Para abrir as portas do mundo desconhecido, eu quis fazer o maior sacrifício que pode fazer um homem: minha mulher... minha mãe... foi para isso que elas morreram! Mas é preciso um sacrifício ainda maior para abrir as portas do Olimpo! Cumpra-se a vontade dos Oráculos!

PETRÔNIO

...Qual é o teu projeto?

NERO

Vais ver... de aqui a pouco. (*Sobe*)

PETRÔNIO (*à parte*)

Estranho-o.

NERO (*bebe e desce*)

Mas, antes, vê bem que há dois Neros: um o que os homens conhecem; o outro o que só tu conheces: o que mata como a Morte e o que delira como Baco! E, mata, porque odeia a baixeza, tudo o que é vil e lhe repugna tudo o que não merece a vida! E mata e elimina!... Como a vida será pequena quando eu desaparecer!

PETRÔNIO

Compreendo o teu coração e as tuas mágoas!

NERO

Como o meu coração é, por vezes, negro! Como este mundo e esta terra são pequenos, mesquinhos, para mim! Mas, quanto eu puder, aniquilarei esta vida, e esmagarei este mundo!

(Súbito Roma aparece incendiada por diversos lados. Ouve-se ruído ao longe. Pitágoras, desce)

PITÁGORAS

César, Roma está a arder!

PETRÔNIO

Quê?

TODOS *(levantando-se e olhando)*

A arder?

NERO

Ó deuses imortais!... eu vos dou graças!... Posso enfim ver uma grande cidade em chamas! Posso acabar o meu canto!

VOZES *(do fundo)*

César? César?

NERO

Ah! É agora o momento. A minha cítara? *(Sobe)*

UM CENTURIÃO *(entrando rápido)*

Divino imperador?

NERO

Quê?

CENTURIÃO

A cidade é um oceano de chamas! Os homens caem asfixiados! O terror enlouquece!

NERO

É a vontade dos deuses! A minha cítara? (*Trazem-lha. Terpnos, Diodoro e os músicos correm*) Ó deuses, que espetáculo sublime! Graças, por poder ver, como Príamo, o incêndio de minha pátria! Agora, vou cantar! (*Sobe*)

MARCOS

Centurião, sabes tu se o bairro do Transtevero, foi invadido, já?

CENTURIÃO

Todo, Senhor. Foi o primeiro.

MARCOS

Maldição! Se ela morreu... (*Sai, doido*)

(*O incêndio generaliza-se. De todos os lados do palácio corre gente para o terraço. Nero sobe os degraus e de cítara em punho, acompanhado, canta*)

NERO

Berço de meus pais,
Roma divina!
Quanto eras cara
À minh'alma!...

(*O ruído, ao longe, cresce. Ouvem-se os rugidos das feras*)

ATO II

QUADRO V

Sala no palácio de Nero. Nero e Popeia, Vinício, Tigelino, Petrônio, Vitélio, Senécion e Vatino.

NERO (*descendo*)

Há três dias que componho o meu poema. Não posso perder tempo. Sejamos breves. Roma está exaltada?

TIGELINO
Gravemente.

NERO
A animadversão cresce?

TIGELINO
Cada vez mais.

NERO
O Senado?

TIGELINO
Indignadíssimo contra ti.

NERO
Ó o Senado! Reedificarei a cidade! Dar-lhe-ei uma outra digna do povo romano; que mais quer?

TIGELINO
Mas as misérias, as mortes causadas...

NERO
Não abri os meus jardins ao povo? Não tem ele que comer, à farta?

TIGELINO
Os pequenos estão satisfeitos. Os grandes...

NERO
É *precisa* uma decisão rápida. Que havemos de fazer, o que será conveniente?... A tua opinião, Petrônio.

PETRÔNIO
Vamos para a Grécia e depois para o Egito.

SENÉCION

É fácil partir: voltar é que não será tão fácil.

PETRÔNIO

Por Hércules, voltaremos, se for preciso, à frente das legiões da Ásia!

NERO

Assim, farei.

TIGELINO

Escuta-me, César. O conselho é desastroso. Antes de chegares a Ostia, rebentará a guerra civil. E sabes, tu, se algum vago descendente do divino Augusto, se não se fará proclamar imperador?

NERO

Farei que nenhum exista. Tu sabes como.

TIGELINO

Mas será um outro. Ontem, os meus soldados ouviram dizer à multidão que se devia proclamar alguém, como Trazeias!

NERO

Povo insaciável e ingrato! Que mais quer?

TIGELINO

A vingança.

NERO

A vingança?... quer vítimas? (*Pausa e silêncio*) Se nós lançássemos a nova de que foi... (*Olhando-os*) Vatino, quem incendiou a cidade?

VATINO (*empalidecendo*)

Eu?... Quem sou eu, ó divindade?...

NERO

Tens razão. É preciso alguém mais importante. (*Circunvagando o olhar*) Vitélio!

VITÉLIO (*riso amarelo*)

As minhas banhas farão rebentar um novo incêndio.

NERO

Tigelino?... Tigelino, foste tu que incendiaste Roma!

TIGELINO (*audaz*)

Por tua ordem, César!

NERO

És meu amigo?

TIGELINO

Tu o sabes, Senhor.

NERO

Bem. Sacrifica-te por mim.

TIGELINO (*hipocritamente*)

Eu bem o quisera, Senhor; mas não posso fazê-lo. (*Irônico*) O povo murmura e revolta-se. Queres tu que a guarda pretoriana faça o mesmo, pelo seu chefe?

UM ESCRAVO

A divina Augusta deseja falar-te, Tigelino.

TIGELINO (*a César*)

Permitis?

(*César, faz sinal aprovativo. Tigelino sai*)

NERO

Aqueci uma serpente no seio! (*A Petrônio*) Vamos, fala tu. Confio em ti. Tens mais senso do que todos eles juntos e és meu amigo.

PETRÔNIO

Vamos para a Grécia.

NERO

Esperava mais do teu juízo. Se parto quem me garante que o senado não proclame outro imperador? O povo era-me fiel... Não é. O senado!... Ah! se este povo e este senado tivesse uma cabeça, só!

PETRÔNIO

Se queres conservar Roma, César, é preciso deixares alguns romanos.

NERO

Roma, os romanos, que me importam? Escutar-me-iam na Helada! Ao redor de mim, aqui, não há, senão traição! (*Súbito*) Petrônio, a plebe murmura pelas praças... se eu fosse ao Campo de Marte e cantasse o meu hino; o que cantei durante o incêndio... Não poderia, eu, como Orfeu, encantá-los?

VATINO

A dificuldade, César, era eles deixarem-te principiar.

NERO

Pois vamos para a Grécia.

POPEIA (*entrando com Tigelino*)

Ouve-me, César. O povo quer uma vingança e uma vítima! Que digo eu? uma? centenas, milhares! Existem as que o devem ser, devem-se-lhe. Ignoras que na cidade se acoita um exército de cristãos? Não os conheces? Não te falei, eu, tanta vez dos seus crimes e das suas infames cerimônias? das suas profecias segundo as quais o mundo acabará pelo fogo? O povo, instintivamente, odeia-os e suspeita deles. Ninguém os vê nos templos, no circo, nas corridas! Murmura contra ti e não foste, tu, César, nem eu, quem incendiou a cidade! Foram eles! É preciso dizê-lo. Viram-nos levando nas mãos as tochas incendiárias! O povo tem sede de

vingança? dá-lha. O povo quer circo, quer sangue? dá-lho! Conheces os culpados! manda!

PETRÔNIO (*a Marcos, à parte*)
A caça a Lígia.

PETRÔNIO
Coragem!

NERO (*levantando as mãos ao céu*)
Oh! Zeus, Apolo, Hera, Actrea, vós, todos, ó deuses imortais, por que nos não socorrestes? Que tinha feito essa bela Roma, a esses energúmenos?

TIGELINO
Vinga-a!

VATINO
Faz justiça!

NERO
Que castigo terrível, que torturas serão bastantes para punir tal crime? Com a ajuda das potencias do Tártaro, darei ao meu povo um tal espetáculo, que dele se falará, em Roma, pelos séculos dos séculos!

PETRÔNIO (*à parte*)
Que César bandido! (*Olhando Marcos, que passeia louco*) É preciso salvar Lígia. Ou me perco, ou a salvo. (*Aproximando-se galante, natural, brincando com a túnica gracioso*) Assim... encontrastes as vítimas? bem; mas escutai me. Tendes a autoridade, tendes a guarda dos pretorianos, tendes a força! Então sedes leais. Entregai os cristãos ao povo, supliciais-os; mas confessai primeiro que não foram eles que incendiaram Roma! Há também uma elegância da alma: como mestre de todas as elegâncias dir-vos-ei, que não suporto tão miseráveis comédias! (*Pasmo*) Com relação a ti, César, porque me tens falado muita vez da posteridade, reflete o que ela

dirá de ti! Pela divina Clio! Nero-Senhor do mundo, Nero-Deus queimou Roma porque era tão formidável na Terra, como Zeus no Olimpo! Nero-poeta amou a tal ponto a poesia que lhe sacrificou a Pátria! Desde o princípio do mundo, ninguém ousou pensar em tão extraordinária coisa! Tu o fizeste, esta glória é tua, não a renegues. Ao pé de ti o que será Príamo, Agamenon, Aquiles? os próprios deuses? Coragem. Livra-te de abdições indignas; porque então a posteridade poderá dizer-te: Nero queimou Roma; mas tão pusilânime César, como pusilânime poeta, negou o facto, e atirou, cobardemente, a falta por sobre os inocentes! Tal ação não honrará a tua memoria!

TIGELINO

Senhor, dá-me licença para que saia. Aconselham-te a lançares-te no maior perigo: tratam-te de César e poeta pusilânime, de comediante... Os meus ouvidos recusam se a ouvir mais.

PETRÔNIO (*à parte*)

César hesita? Estou perdido! (*A Tigelino*) Tigelino, a ti é que eu chamei comediante, porque o és, ainda neste momento.

TIGELINO

Por que não posso escutar as tuas injúrias?

PETRÔNIO

Porque figuras um grande amor por César e ainda há pouco, ouvimo-lo todos e ele, o ameaçaste com a guarda de pretorianos.

POPEIA

César, como permites que tais pensamentos venham a alguém e que esse alguém os diga diante de ti?

NERO

É assim que tu sabes reconhecer a amizade que sempre te tive?

MARCOS (*à parte*)

Petrônio perdeu-se por mim!

PETRÔNIO

Se me enganei, César, mostra-me o meu erro; mas sabe que te disse o que me ditou a lealdade que, enfim, te devo!

POPEIA

Renova os insultos.

TIGELINO

Punide-o, Senhor.

VATINO

Castigai o insultador.

VOZES

Castigai-o! (*Afastam-se de Petrônio*)

NERO

Quereis que o puna? Foi sempre o meu companheiro e meu amigo! Feriu-me o coração; mas quero que ele saiba que este coração só tem para os amigos, o perdão.

PETRÔNIO (*à parte*)

Conheço o teu perdão! (*Alto*) César! (*Inclinando-se, faz sinal a Marcos, e saem*)

POPEIA

Quereis ouvir as testemunhas?

NERO

Que venham.

(*Um escravo sai e traz dois rabinos de longas togas e mitras, um escriba e Quílon*)

PRIMEIRO RABINO

Salve, monarca dos monarcas, rei dos reis!

SEGUNDO RABINO

Salve, Senhor do mundo!

QUÍLON

Salve, César, Leão entre os homens! tu cujo reino é semelhante à claridade do sol, ao cedro do Líbano, ao bálsamo de Jericó!

NERO

Acusais os cristãos de terem incendiado Roma?

PRIMEIRO RABINO

Nós, Senhor, só os acusamos de serem inimigos dos homens, e inimigos de Roma. De terem muita vez ameaçado a cidade e o mundo, com o fogo do céu! O resto di-lo-á este homem, de cujos lábios nunca saiu a mentira, porque nas veias de sua mãe corria o sangue do povo escolhido!

NERO

Quem és, tu?

QUÍLON

O teu cão fiel, divino Osíris! Um pobre estoico!

NERO

Detesto os estoicos: o seu desprezo pela arte e a sua linguagem repugnam-me; como a sua miséria e falta de asseio. Por isso mandei matar Musônio...

QUÍLON

Senhor, eu sou um estoico por necessidade. Cobre o meu estoicismo, ó Resplandecente, com uma coroa de rosas e põe-lhe, diante, uma taça de vinho e ele cantará Anacreonte!

NERO

Gosto de ti.

TIGELINO

Vale quanto pesa.

NERO

Que sabes dos cristãos?

QUÍLON

Permitir-me-ás que chore, divino César?

NERO

Não. Aborreçam-me as lágrimas.

QUÍLON

E terás, cem vezes, razão; porque os olhos que te viram uma vez, não devem chorar nunca.

NERO

Fala dos cristãos.

QUÍLON

Ouve, divino Ísis! De criança me dediquei à filosofia e procurei a verdade. Procurei-a na academia de Atenas e na de Alexandria. Tendo ouvido falar da doutrina dos cristãos, julguei que fosse uma escola onde achasse algumas parcelas da verdade. Relacionei-me com eles e, por minha desgraça, o primeiro que conheci foi um tal Glaucos, médico de Nápoles. Soube por ele, que adoravam um certo Cristo que prometera exterminar os homens e aniquilar todas as cidades da Terra. Por isso odeiam os homens, envenenam as fontes e em suas assembleias cobrem de impropérios os templos onde adoramos os nossos deuses. Cristo foi crucificado, mas prometeu-lhes que no dia em que Roma fosse destruída, voltaria à terra, a dar-lhes o reino prometido.

NERO

Então é a ocasião.

POPEIA

O povo compreenderá porque Roma foi queimada.

QUÍLON

Muitos o sabem já, divina Augusta! Nisso se fala nos Jardins, no Campo de Marte, a toda a hora. O povo levanta-se, sedento de vingança! Essa vingança será a minha.

NERO

Por quê?

QUÍLON

Ouvide, divino César! Glaucos, o médico, não me ensinava que a doutrina cristã ordenasse que se odiassem os homens; pelo contrário dizia que esse Cristo era uma boa divindade e que a base da sua doutrina era o amor. Amei Glaucos e tanto dele confiei que com ele partilhava o meu pão e o meu dinheiro. Um dia, entre Nápoles e Roma, deu-me uma punhalada e vendeu-me a mulher, a minha Berenice, tão formosa e tão bela! a um mercador de escravos!

POPEIA

Pobre homem.

QUÍLON

Chegado a Roma procurei os seus chefes para obter justiça contra Glaucos. Nada obtive; mas fiquei conhecendo o apóstolo Pedro, o apóstolo Paulo, o filho do Zebedeu, Crispo e muitos outros. Sei onde habitavam, antes do incêndio e onde se reúnem. Posso indicar o subterrâneo do Vaticano e o Cemitério de Ostrianum. Neste, ouvi pregar o apóstolo Paulo. Vi Glaucos degolar crianças para que o apóstolo derramasse o sangue sobre a cabeça dos neófitos e ouvi Lígia, a filha adoptiva dos Pláucios, gabar-se de ter enfeitado a tua filha, divina Osíris! e a tua, ó Ísis, a pequenina Augusta!

POPEIA

César, vinga a nossa filha! Ouves, César?

NERO

Por Hércules!

QUÍLON

Ouvindo isto quis apunhala-la. Impediu-mo o nobre cônsul Marcos Vinício que estava ao seu lado e que a ama!

NERO

Quem?

QUÍLON

O cônsul Marcos Vinício.

NERO

É cristão? Oh! a tragédia degenera em farsa!

QUÍLON

Senhor, pela luz que vêm de ti, te juro que o é. Como o é Pompônia, o pequeno Aulo, Lígia, Úrsus, Lino e milhares de outros, cujos templos secretos posso indicar! As vossas prisões não chegarão para os conter!

POPEIA

César, vinga a nossa filha. Ordena.

QUÍLON

E, apressai vos, aliás, o cônsul Marcos Vinício terá tempo de a esconder. Saiu correndo... dir-vos-ei a casa...

TIGELINO

Dou-te dez homens. Vai lá imediatamente.

QUÍLON

Dez homens... com Úrsus lá dentro... Nem de longe!

NERO

Tigelino, entrego-tos.

POPEIA

E, nossa filha, César?

NERO

Por todos os deuses que será vingada! Oh, os cristãos! não deixarei um sobre a face de Terra! Os leões de Numídia e os tigres de Hircânia terão o mais lauto banquete de que há memória, na história do mundo!

UM ESCRAVO (*entra apressado*)

César, um velho que se diz ex-centurião da Judeia pede para te falar.

NERO

Que quer?

ESCRAVO

Não o disse. Quer falar a César...

NERO

Entre quem seja.

PAULO (*entra, com ar rude*)

És tu o César?

NERO

Creio que sou. E, tu, quem és?

PAULO

Paulo de Tarso!

NERO

Não conheço; mas fala... Estou hoje de bom humor... Vens da Judeia?

PAULO

Lá estive, pela segunda vez, depois de percorrer a Lígia, a Cilícia e a Galácia. Depois de ter fundado a igreja de Tessalônica e de ter pregado em Atenas e em Corinto.

NERO

Pregado, o quê?

PAULO

A religião de Cristo, nosso Senhor, meu e teu!

NERO

És cristão? É o primeiro que vejo...

PAULO

Pela graça de Deus.

NERO

Qual Deus?

PAULO

O único que há. Que está no céu! e que um dia desceu à Terra e morreu pelos nossos pecados e pela nossa remissão!

NERO

Também por mim?

PAULO

Por todos.

NERO

Ignorava que devia esse favor a teu Deus! Sêneca nunca me falou dessa divindade! Encarrego-te de lhe agradeceres por mim!

PAULO

O meu Deus é superior às tuas zombarias...

NERO

Mas o que queres, tu, afinal, com o teu Deus? É para me falares dele que aqui vieste?

PAULO

Em seu nome.

NERO

És cristão. Vens pedir o perdão para ti e para os teus?

PAULO

De quê?

NERO

Do seu crime.

PAULO

Qual crime?

NERO

O de terem incendiado Roma.

PAULO

Gritam isso nas praças, vós o espalhastes! A plebe miserável, sedenta de sangue, pede para eles o circo e a fogueira!

NERO

E tê-la hão.

PAULO

Por quê?

NERO

Porque foram eles...

PAULO

Que...

NERO

...Incendiaram a cidade.

PAULO

Nero, Imperador dos romanos, Rei do mundo, César augusto...
mentes! (*Vai a lançar-se a ele*)

NERO

Deixai. Velho, tu és um doido por força.

PAULO

Chamo-me Paulo e sou apóstolo de Cristo!

NERO

É poderoso o teu Deus. Só assim...

PAULO

Tu o vês. Tu és César, cercado dos teus, defendido pela tua guarda pretoriana, tendo ao teu dispor, dezenas de legiões: eu sou Paulo, um velho cujas pernas tremem no andar, cujos braços oscilam quando ora, e eu faço, pelo meu Deus, — o que tu não serias capaz de fazer pelos teus falsos deuses — rio-me de ti, de teu poder, porque ele não alcança mais do que até à morte!

TIGELINO

É o maior alcance.

PAULO

Não é nenhum. A vida da terra é transitória e mesquinha: só é grande a que vem depois da morte: infinita, eterna!

NERO

Quem te garantiu?

PAULO

O meu Deus; que eu vi morrer na Cruz, no Calvário, ao pé de Jerusalém, para no-la dar em troca! O que pregou a igualdade na

Terra, o que amaldiçoou o déspota e levantou o escravo; o que pregou o desprezo da carne e santificou a alma! O que condenou, ó romanos, a vossa luxúria torpe, a vossa prostituição feita de todas as abominações e infâmias! O Deus dos Cristãos! Aquele que fez com que eu, o mais humilde dos seus pastores, vos fale como se fora o vosso imperador e ele... o verdadeiro, pense...

NERO

No suplício a inventar de que sejas digno, divino apóstolo!

PAULO

Todos me agradam, Nero. Desde o arpão dos teus gladiadores, até aos dentes das tuas feras! Está assente para mim... agradeço-te! Mas há uma legião de pobres que nunca te fizeram mal; que vivem felizes na humildade das suas crenças com o seu Deus e que, como ele ensinou, dão a César o que é de César e a Cristo o que é de Cristo! Nunca perturbaram os teus prazeres, nunca disputaram o teu poder, nunca insultaram publicamente os teus afetos, nem tentaram contra a tua vida ou a dos teus. Inocentes de um crime de que os acusam, só podem defender-se, morrendo! São fracos, humildes, ignorados! Não carregues a tua memória com crimes inúteis; porque, em verdade te digo, que se o fizeres terás de responder por eles...

NERO

Ante quem?

PAULO

Ante o nosso pai, que está no céu!

NERO

Cala-te.

PAULO

César, disse!

NERO

De mais. Tigelino mete-me na cadeia esse apóstolo, esse pastor, a ver se o tal poderoso Deus o tira de lá. (*A Paulo*) E, quanto às tuas ovelhas, prepara-te para veres, no Circo, como os leões lhes tosquiavam a lã.

PAULO

Não há piedade na tua alma, César?

NERO (*irônico*)

Não sou um Deus...

PAULO

Não. Há um, só! E, em nome dele, eu te amaldiçoo! Assassino de tua mãe e de tua irmã! Anticristo! O abismo abre-se a teus pés! a morte vai empolgar-te! o túmulo abre a goela para te engolir! Amaldiçoo-te, cadáver vivo! porque morrerás no espanto e no terror! e serás condenado por todos os séculos dos séculos sem fim! (*Agarram-no*) Maldito sejas, assassino! incendiário! matricida!

TIGELINO (*vai a matá-lo com o estilete*)

Cala-te, velho!

NERO

Tem audácia, por Júpiter! Guarda-mo para o circo, quero ver como é feito, por dentro, um apóstolo cristão! (*Os escravos levam-no, arrastado*) Enfim, consegui distrair-me, hoje. Vamos jantar. (*Dá o braço a Popeia. Vão saindo*)

QUADRO VI

Jardim de Petrônio.

PETRÔNIO (*inspeccionando as mesas e flores*)

Poucas flores. O calor do incêndio chegaria a Cumes?

O INTRODUTOR

Procura-te um servo de Numa, com uma carta.

PETRÔNIO

Vem de Roma?

O SERVO (*entrando*)

De Numa. (*Dá-lhe um rolo de pergaminho*)

PETRÔNIO

Como vai o teu senhor?

O SERVO

Bem, nobre Petrônio.

PETRÔNIO (*lendo*)

...“Aviso-te de que receberás, em breve, ordem de não abandonar Cumas e dias depois a de te abrires as veias... Eis o que está decidido no palácio de César... Vale. Sêneca.” Virá atrasada a ordem. Lício, dirás a teu amo que lhe agradeço a carta e que já estava prevenido. Leva-lhe esta taça (*dá-lhe uma de ouro*) como recordação minha e penhor de nossa longa amizade. (*O servo sai. Ao escravo*) Chama Eunice. (*Rindo*) Julgava, talvez, surpreender-me esse bandalho de César! Como se eu lhe não conhecesse as manchas de toda a vida! Como não respondi, logo, à sua carta, decidiu-se. Pois há de agradar-lhe a resposta. (*Entra Eunice, de branco. Petrônio, senta-se*) Vem Eunice; abraça-me e beija-me! Amas-me?

EUNICE

Se fosses um Deus, não te amaria mais. (*Ajoelha-se-lhe aos pés*)

PETRÔNIO

E tu sabes a quem deves o meu amor?

EUNICE

A ti, à tua bondade!

PETRÔNIO

E a Quílon.

EUNICE
A Quílon?

PETRÔNIO
Não te vendeu ele dois fios da cinta da Vênus de Chipre?

EUNICE
Oh, o charlatão! Ninguém pode modificar a vontade dos deuses?

PETRÔNIO
Nem mesmo o nobre Quílon?

EUNICE
Nobre?

PETRÔNIO
É hoje um dos companheiros de Nero. Uma arma de Popeia.
Delatou os cristãos.

EUNICE
Oh, o infame!

PETRÔNIO
Tal imperador, tal corte! (*Acaricia-lhe a cabeça*) Mas tu és,
verdadeiramente, bela, Eunice.

EUNICE
Meu Senhor!

PETRÔNIO
Feliz aquele que, como eu, encontrou o amor habitando em tal
corpo! Parece-me às vezes que somos duas divindades! Nem Lízais,
nem Praxiteles, criaram, nunca, linhas tão belas! Não há mármore
mais quente, mais rosado do que o do teu colo! (*Toma um punhado de
violetas e deita-lho pela cabeça e ombros*) Eis o que os cristãos querem
abolir: o culto da beleza! Um selvagem não criaria uma tão ridícula

filosofia. Trata sempre o teu corpo belo, como um dom divino! Sê sempre deusa, bela, adorável, Eunice! (*Beija-a*)

EUNICE

Tu és tão bom, meu senhor, tão bom, que eu quisera ser realmente uma deusa... e tua escrava, como sou!

PETRÔNIO

Enganas-te. Tu não és minha escrava: pertencem-te esta casa, estes jardins, os meus escravos, os campos e os rebanhos.

EUNICE

A mim?

PETRÔNIO

A ti. Libertei-te há muito. Nada te disse. O cônsul dispensou a tua presença. Fiz-te, sem saberes, os meus presentes de núpcias.

EUNICE (*beijando-lhe as mãos*)

Meu senhor e para quê?

PETRÔNIO

Porque vamos talvez separar-nos.

EUNICE (*levantando-se*)

Como, senhor?

PETRÔNIO

Sossega... terei de fazer uma longa viagem...

EUNICE

Leva-me contigo.

PETRÔNIO

Não posso.

EUNICE

Não podes?

PETRÔNIO

É uma desconhecida viagem... que se tem de fazer, só!

EUNICE (*receando compreender*)

Só?

PETRÔNIO

Só!

EUNICE (*compreendendo*)

Petrônio! meu senhor. (*Ajoelha de novo*)

PETRÔNIO (*respondendo à pergunta, muda, do olhar de Eunice*)

Sim!

EUNICE

Que desgraçada sou! Os deuses não permitirão...

PETRÔNIO

Eunice, eu quero morrer... como me compete!

EUNICE

Compreendo, meu senhor. (*Domina-se completamente*)

PETRÔNIO

Tu és bela, livre, rica! A mocidade e a beleza tem os seus direitos. Lembra-te de mim... com amor!

EUNICE

Não, meu senhor, eu não sou rica nem livre. Não o quero ser. Sou a tua escrava!

PETRÔNIO

Então eu serei o escravo da minha escrava. (*Acaricia-a*) Eunice, faz servir o jantar. (*Dão um longo beijo*) Que a beleza seja sempre adorada!

EUNICE

E a bondade!

Eunice sai e volta com Nerva, Lúcio, Otávia e Júlia. Ao entrar uns adolescentes coroam-nos de rosas. Trazem-se perfumes. Há uma orquestra invisível.

TODOS

Salve, Petrônio.

PETRÔNIO

Salve, salve.

(*Reclinam-se. Os escravos servem*)

JÚLIA

Que notícias de Roma?

PETRÔNIO

César mandou-me chamar.

JÚLIA

É teu amigo, César.

PETRÔNIO

Muito.

OTÁVIA

Acaso serás tu, agora, o querido dos homens, como tens sido sempre o das mulheres?

PETRÔNIO

Que os deuses se amerceiem de mim, formosa Otávia. Na minha idade!

(Riem)

NERVA

E, não vais?

PETRÔNIO

Não vou.

LÚCIO

Ficarás então em Cumas?

PETRÔNIO

Para sempre.

OTÁVIA

E o imperador?

PETRÔNIO

Que cante e dance.

JÚLIA

É a sua maneira de descansar.

PETRÔNIO

É; porque para se fatigar vai matando os cristãos.

NERVA

A perseguição continua?

PETRÔNIO

Cada vez mais terrível.

OTÁVIA

Haverá, ainda, muitas tardes de circo?

PETRÔNIO

É natural. Os cristãos são já aos milhares, em Roma, como em outras cidades da Itália, na Grécia e na Ásia. Há-os entre os legionários, entre os pretorianos, nas melhores famílias de Roma.

NERVA

Dizem que nunca houve três tardes de circo, como as dos cristãos!

PETRÔNIO

Nunca!

JÚLIA

Estiveste em todas, Petrônio?

PETRÔNIO

Em todas.

OTÁVIA

Amas o espetáculo?

PETRÔNIO

Não: necessitava de lá estar.

LÚCIO

Conta-nos.

PETRÔNIO

Nenhum de vós esteve em Roma?

NERVA

Nenhum; creio.

PETRÔNIO

Pois foram célebres as tardes. Nero lançou a ordem de prisão. Agarraram-se homens e mulheres, velhos e novos, crianças e virgens! Na primeira tarde, vestiram-nos com peles de animais e largaram-lhes os cães fulvos de Peloponeso e os molossos zebrados dos Pirenéus, esfaimados, de dias. As prezas, porém, eram

estranhas, e os cães hesitaram no ataque. Mas logo que o primeiro enterrou os dentes na espadua de uma rapariga, os outros, ao verem sangue, caíram sobre o monte dos cristãos, ajoelhados! Então, por entre as convulsões, os estertores de agonia, os uivos dos mastins, ouviam-se vozes, que diziam: pelo Cristo! pelo Cristo! As feras mutilavam e, sobre a arena, corria em regos o sangue entre membros decepados e os corpos sedentos dos cães insaciáveis! O cheiro do sangue e dos intestinos abertos cobriu os perfumes da Arábia e encheu o circo! Os cães não venciam a tarefa. O povo rugindo, em delírio, pediu os leões. Viram-se então cabeças desaparecer em goelas vermelhas, peitos abertos com um roçar de garra, corações e ventres extravasados, e o ruído dos ossos triturados por maxilas de ferro! O povo esmagava-se, descendo as bancadas, para ver melhor: os leões enchiam de trovões as arcarias do Circo!

OTÁVIA

E acabou?

PETRÔNIO

Não. Havia ainda muitos vivos. Abriram-se as jaulas e saíram os tigres do Eufrates, as panteras de Java, ursos, lobos, hienas, chacais! A cena perdeu toda a aparência de realidade! Entre os gritos, os urros, os rugidos, ouviam-se gritos, aqui e ali, pelas bancadas, gritos, entre dentes, de mulheres em espasmo, cujas forças se iam esgotando! Empalideciam os rostos e vozes gritavam: basta! basta! Um exército de Númidas, armados de flechas, fez recolher as feras. Limpou-se a arena; as fontes jorraram águas perfumadas e uma nuvem de adolescentes, vestidos de amores, encheu o circo de pétalas de rosas! Caso estranho e único no circo: Nero desceu à arena, tomou a cítara e cantou um hino.

LÚCIO

E foi aplaudido?

PETRÔNIO

Como sempre.

OTÁVIA

A mim era-me impossível assistir a uma tarde de circo.

JÚLIA

E tu, Petrônio, cujo gosto e prazeres têm um tão grande cunho de elegância e de delicadeza...

PETRÔNIO

Comecei por dizer, bela Júlia, que precisava de lá estar.

NERVA

E, a segunda?

LÚCIO

Conta-nos a segunda.

PETRÔNIO

Foi menos interessante. Limitaram-se a queimar muitos e a sacrificar os restantes. Todo o prazer do espetáculo, para quem o achava, estava em gozar a morte lenta, a agonia das vítimas! (*Reparando*) Por Polux, eu deixo de contar, se apenas empregais os vossos sentidos em me ouvir.

NERVA

Escutamos-te e comemos, ao mesmo tempo.

PETRÔNIO

Mas não bebeis. (*Faz sinal; os escravos enchem as taças*)

LÚCIO

Conta a terceira.

OTÁVIA

É mais curiosa, a terceira tarde?

PETRÔNIO

Terrivelmente curiosa, para mim. Foi de noite. Na noite a seguir àquela em que Nero passeou, entre crucificados cristãos, breados, a arder, pelos jardins!

JÚLIA

Que crueldade!

PETRÔNIO

E que cheiro! A peripécia estranha foi esta. Quando soaram as cornetas, correu-se a grade de um subterrâneo e um homem colossal, um Lígio, de coxas hercúleas e braços, os músculos do peito que pareciam dois escudos unidos, tal era o relevo, apareceu, na arena! Quando se esperava que inimigo lhe dariam, abriu-se a grade fronteira e um touro da Espanha, negro como a noite, rompeu pelo circo, trazendo, atado às hastes, no cachaço, o corpo seminu de uma virgem cristã. Lígia! rugiu o escravo ao conhecer a rapariga! Lígia, tem coragem!... E, de espinha curva, rápido, cortando a terra, o olhar em brasa, as mãos em garra... aproximou-se do touro, e de um salto, caiu-lhe na frente, agarrando lhe os cornos! Fez-se um silêncio profundo! Ouvir-se-ia o voo de uma mosca! Homem e touro quedaram-se na imobilidade do mármore, semelhantes a um trabalho de Hércules, esculpido! Para se libertar do jugo, o touro, fincando-se nas patas, dobrou-se, em arco: turgiam-se os músculos do homem a estalar a pele que se fazia purpura! No peito de Nero, como no das vestais, como nos do povo inteiro, os corações saltavam! Corria o suor pelas testas! A palavra expirava nos lábios! Homem e touro, num supremo esforço, dir-se-iam pregados no solo! Estes momentos duraram séculos. Subitamente, ouviu-se como um vagido surdo, e, como numa alucinação, os olhos viram a cabeça da fera, voltar, voltar, quase imperceptivelmente... Ouvia-se o respirar ofegante do homem; mas a cabeça do touro continuava a voltar-se, lentamente, lentamente... quando, de súbito, da boca sai-lhe, pendida a língua cheia de baba! Um momento mais... um ranger de vertebras... e num tremor súbito, o olhar baço, o pescoço estendido, como uma massa inerte, o touro cai!... morto!

NERVA

Por Júpiter, eis aí um homem!

JÚLIA

Por Vênus!

LÚCIO

Por Hércules!

OTÁVIA

E, foram perdoados?

PETRÔNIO

O povo ergueu-se pedindo-o. Nero recusava, quando, de súbito, um belo rapaz, um guerreiro, salta à arena, rasga a túnica no peito, para mostrar as cicatrizes das batalhas e levanta os braços para o povo, cobrindo com o manto o corpo nu da cristã. O povo rugiu improperios e Nero, com medo, cedeu.

JÚLIA

Quem era esse mancebo? Um amante?

PETRÔNIO

Um apaixonado, que a pretendia arrancar à prisão que tentava salvá-la, ainda, nos subterrâneos do circo, e que, sem esperança, estava a meu lado, branco como um cadáver!

JÚLIA

Chamava-se?

OTÁVIA

Quem era?

PETRÔNIO

Marcos Vinício, o filho de minha irmã. Eis porque vos disse do começo, bela Otávia, que precisava de lá estar.

JÚLIA

Que tormentos de amante!

PETRÔNIO

A felicidade é como a vida: nasce entre dores!

NERVA

Que é feito deles?

PETRÔNIO

Casaram e foram para o campo, para a beira mar, afogar em beijos os terrores e lágrimas passadas!

OTÁVIA

Que os deuses os protejam.

PETRÔNIO

Pois brindemos aos deuses pela sua felicidade. (*Bebem*)

JÚLIA

Amava-lo muito, Petrônio?

PETRÔNIO

Tanto, que arrisquei, por ele, o favor de César!

NERVA

Como?

PETRÔNIO

Defendendo os cristãos.

LÚCIO

Os cristãos?

PETRÔNIO

Os cristãos que me importavam? Defendia Lígia e Marcos.

NERVA

Espantava-me que defendesses os deuses estranhos.

PETRÔNIO

Nem os estranhos, nem os nossos.

LÚCIO

Não amas os nossos deuses?

PETRÔNIO

Muito... para figuras de retórica!

OTÁVIA

O que amais então no mundo, elegante céptico?

PETRÔNIO

As árvores e as flores; as joias e os perfumes; as estátuas de Praxiteles e os bronzes de Corinho; os vinhos velhos da Grécia e as mulheres novas... de toda a parte.

JÚLIA

Tendes amado muito.

PETRÔNIO

E, ainda os livros, a poesia, os versos — exceto os de Nero.

OTÁVIA

Dizem que os cépticos são, sempre, alegres.

PETRÔNIO

Será por isso que me esforcei por viver, sempre, alegremente, e o farei até ao fim... o que será fácil... agora! (*Tomando a taça*) à Rainha de Chipre! por Eunice!

NERVA

Aos deuses, pela felicidade de Petrônio!

EUNICE (*à parte a Petrônio*)

Ao meu senhor!

(Bebem os dois, sós)

PETRÔNIO *(levantando-se um pouco sobre o leito)*

Amigos, perdoai-me o fazer-vos um pedido: eu quisera que cada um de vós se dignasse de aceitar a taça com que brindou aos deuses e à minha felicidade. *(Toma a taça)* Eis a taça do meu brinde à rainha de Chipre, por Eunice. Nenhuns outros lábios beberão por ela; nenhuma outra mão ousará levantá-la, em honra de outra divindade! *(Atira-a ao chão e parte-se: espanto)* Amigos, alegrai-vos. A velhice é a triste companheira dos nossos últimos anos. Dou-vos um exemplo e um conselho.

NERVA

Que queres fazer?

PETRÔNIO

Gozar, beber, contemplar as formas divinas que repoisam a meu lado e adormecer, enfim, num sonho, cercado de rosas. Fiz já as minhas despedidas a César. Ouvide o que lhe mandei dizer, no meus adeus. *(Tira um rolo e lê)* "Sei, divino César, que me esperas impacientemente e que para premiares a minha ida para junto de ti, não duvidarias dar-me o comando das tuas guardas e fazer de Tigelino um almocreve, ofício para que parece ter sido criado pelos deuses! Pelo Hades e em particular pelos manes de tua mãe, de teu irmão, de tua mulher, juro-te que me é impossível ir. A vida é um tesouro de que eu soube extrair as mais preciosas joias; mas tem coisas, também, que confesso sou incapaz de suportar até ao fim! Não vás pensar que me indignou o assassinato de tua mãe, de teu irmão, de tua mulher; que me revoltei contra o incêndio de Roma; que me ofendeu o teu processo de matar todos os homens honrados de teu império! Não; mas por largos anos ainda, deixar-me esfolar os ouvidos pelo teu canto, ver as tuas pobres tíbias escoicear nas danças pírricas, ouvir-te tocar, declamar, recitar a teu modo — pobre poeta d'água doce — semelhante perspectiva é superior a minhas forças. Resolvi morrer! Roma tapa os ouvidos; o universo

cobre-te de gargalhadas! E, eu? eu não quero mais envergonhar-me de ti! O ladrar de Cérbero ser-me-á menos penoso: não sou amigo dele, não tenho de corar pela sua voz! Goza e passa bem, mas deixa-te de música! assassina, mas não faças versos! envenena, mas para-te de dançar! incendeia as cidades, mas deixa em paz a cítara! Tal é o conselho do teu amigo, Petrônio.” (*Dá o rolo ao escravo*) Queima esta carta e manda entrar o médico.

NERVA

...Mas é a morte!

LÚCIO

E, nós?...

PETRÔNIO (*rindo sereno*)

Nada receies. Nenhum tem necessidade de dizer que ouviu ler esta carta.

(*Faz sinal ao médico que entra. Este passa-lhe no pulso uma anilha de ouro e com um estilete abre-lhe a veia radial*)

EUNICE

Senhor, se os deuses me dessem a imortalidade, se César me desse um império, para te deixar, eu não faria nunca! Tenho pois o direito de ir contigo... concede-mo!

PETRÔNIO

Tu amas me, verdadeiramente, divina! Vem comigo, pois, se assim o queres.

EUNICE (*alegre, estendendo o braço ao médico*)

Abre.

(*O médico faz o mesmo. O sangue corre. Eunice inclina se sobre o peito de Petrônio*)

PETRÔNIO

Falerno! (*Um escravo deita-lho*) Servide antes, às damas, o xaroposo Careno, ou o opalino Chio, que convida a amar! (*Inclina se para Eunice*) Não queres tu, Divina, que bebamos, na tua taça, pela última vez, aos deuses, por toda a felicidade que nos deram?

EUNICE

Sim, meu senhor.

(*Bebem os dois*)

O INTRODUTOR

Marcos Vinício e Lígia.

PETRÔNIO

Bem vindos! (*Ao médico*) Não posso morrer ainda; estanca-me o sangue. (*O médico liga-lhe o pulso, rápido*)

MARCOS (*entra*)

Salve senhores! salve Petrônio.

TODOS

Salve Marcos!

TODOS

Salve Lígia!

NERVA

Salve, formosa Lígia!

PETRÔNIO (*aos dois que chegam junto dele*)

Salve! Salve! (*Os escravos trazem duas cadeiras. Marcos e Lígia sentam-se*) Que vieste fazer a Cumes, Marcos?

MARCOS

Escrevemos-te. Queríamos que fosses passar conosco uns tempos na nossa casa da Sicília. A tua carta entristeceu-nos. Resolvemos virmos buscar-te. És preciso à nossa ventura!

PETRÔNIO

Admiro o teu coração: como me admira que dois noivos se possam lembrar de um amigo ausente.

LÍGIA

Tu és para nós muito caro. Devemos-te a maior parte da nossa felicidade!

PETRÔNIO

Foi o vosso Cristo quem vos salvou! (*Levemente irônico*)

LÍGIA

Não rias...

PETRÔNIO

Oh, não; mas é preciso confessar que Úrsus e o povo romano também fizeram alguma coisa para o caso.

MARCOS

Vem conosco, Petrônio.

PETRÔNIO

Não, feliz esposo da princesa Aurora: se eu tivesse desejo de ir para onde me queres levar, eu não o poderia fazer. Se alguma coisa depois da morte — ao contrário da opinião de Pirrón — subsiste e vive, a que animava o corpo da minha bela, de cabelos de ouro, a minha Eunice, espera-me! (*Indicando-a*) Está morta! (*Arranca a facha do pulso e aperta Eunice contra o peito*)

MARCOS

Petrônio!

LÍGIA

Meu amigo!

PETRÔNIO

Não vos aflijais! Para vós nasce a aurora da vida, para mim, pôs-se já o sol, cerca-me o crepúsculo! Tinha de ser: conheces Nero, compreendes o resto. Vivi como quis, morro como me apraz! Não vos aflijais! A morte é um episódio da vida! Já vês, Marcos, que te enganas, se pensas que só o teu Deus dá a tranquilidade na morte! Vê como morro tranquilo. Platão diz que a virtude é uma música e a vida do sábio uma harmonia! Se assim é, vivi e morro virtuoso. (*Toma a taça*) Permite, virtuosa Lígia, que me despeça de ti, com as palavras com que te saudei, na primeira vez que nos vimos. “Vi durante a minha vida povos sem conto, mas uma mulher que te igualasse, eu não vi nunca!” (*Aos dois*) Se eu tenho uma alma, ela irá pousar junto à vossa casa, na forma de uma borboleta, ou, como querem os egípcios, na de um falcão. Só, assim, irei. (*Levantando a taça e todos*) O último brinde aos noivos. (*A voz enfraquece levemente*) Que a terra de Sicília se metamorfoseie para vós num jardim dos Hespérides, que os deuses dos campos, dos lagos, das fontes, façam nascer as flores sob os vossos pés, e que em todos os acanhos dos vossos perístilos vivam e noivem, eternamente, as pombas brancas! (*Bebe e todos. Inclina-se a beijar a cabeça de Eunice*)

O INTRODUTOR

Um servo de Numa.

PETRÔNIO

Outro?

O SERVO

Nobre Petrônio. Chego de Roma a toda a brida, mandado por Numa, meu senhor, dizer-te...

PETRÔNIO

O quê?

O SERVO

Revoltou-se Vindex, com as legiões da Gália. A guarda pretoriana, amigos, escravos, todos abandonaram César. Todos fugiram do palácio e o deixaram só! Só, de medo, suicidou-se!

PETRÔNIO

É tarde! (*Desmaia e morre sobre a cabeça de Eunice*)

MARCOS

Que dor!

VOZES

Mortos! O bom Petrônio! A bela Eunice!

MARCOS

Sabeis, vós, amigos, o que morreu? O mundo romano: a Graça e a Beleza!

LÍGIA (*ajoelhando*)

Ó Cristo! tende piedade das suas almas!



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com